

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CARTOGRAFANDO NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO
NO COTIDIANO DE UMA ONG**

Autora: Adriana Dezotti Fernandes

Orientadora: Áurea Maria Guimarães

Campinas
2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNI CAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Fernandes, Adriana Dezotti.
F391c Cartografando novas formas de subjetivação no cotidiano de uma ONG
TABA : Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente / Adriana Dezotti
Fernandes. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador : Áurea Maria Guimarães.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Organizações não-governamentais. 2. Neoliberalismo. 3. Educador social.
4. Subjetividade. 5. Metodologia. I. Guimarães, Áurea. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-232/BFE

Título em inglês: Charting new forms of subjectivity in the daily life on on NGO TABA : Living and coexistence space for adolescents

Keywords: Non-governmental organizations; Neoliberalism; Social educator; Subjectivity; Methodology

Área de concentração: Ensino e Prática Culturais

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Áurea Maria Guimarães (Orientadora)

Prof. Dr. Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo

Prof. Dr. Márcio Aparecido Mariguella

Prof. Dr. Wenceslão Machado de Oliveira Júnior

Data da defesa: 30/07/2009

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : adriana.dezottifernandes@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cartografando Novas Formas de Subjetivação no Cotidiano de uma ONG

Autor: Adriana Dezotti Fernandes
Orientadora: Áurea Maria Guimarães

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Adriana Dezotti Fernandes e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 30 de julho de 2009

Assinatura: Áurea M. Guimarães
Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

[Assinatura]
[Assinatura]
[Assinatura]

2009

*Dedico este trabalho
aos grandes homens de minha vida: meu pai Fernando Zurita Fernandes
e meu filho Yannick Paissé,
à Soninha, Terra Mater, esteio para todas as horas
e aos manos Fê, Ric, Chris e suas famílias maravilhosas.*

AGRADECIMENTOS

Sou extremamente grata à Áurea Guimarães minha orientadora, por respeitar meu estilo amalucado de produzir, à Inês Petrucci, que me convidou para participar do Violar, aos professores da Faculdade de Educação da Unicamp: Carol Galzerano, Dirce Zan, Silvio Gallo, Wenceslao de Oliveira.

À Maria Angélica Trintinália e a todas as pessoas queridas da TABA, que muitíssimo me ensinaram a respeito das ONGs, dos Direitos da Criança e do Adolescente e da vida. Aos "Violeiros": Bia Possato, Veralúcia Pinheiro, Déia Martelli, Marcão e Tânia Recchia, Nathi Raggi, Teresa Arruda, Ivani Ruela, Zé Pastre e sua Tereza, Simeire, Jú, Tati, Elise e Francisca.

Aos colegas da Unicamp: Rosvita, Ana de Floripa, Marcelly, Gláucia e Sidney. À equipe de apoio em Souzas: Bia Antonini, Alfredo Morel, Laura, Júlia e Ana e em Campinas a querida Rafa "Ferfa", que tão carinhosamente me acolheram. À equipe de apoio em Araras, que fazia "as correrias" de busca/trás/come/dorme com meu filho: Claude, Mãe Sônia e sua Tchurma: Li, Mari, Abner, Wagner, Neto e Raquel, os "pais de amigos da escola": Sandra e Du, Má do Amon, Solange e Paulinho, Sandra e Ederaldo, Cezinha e Renata, Sandra e Adinan, Sara e Benê. Às sempre presentes Maria e Osmarina. À família Prone, pelas refeições de antes e depois da Anhanguera.

Às amigas e amigos que acompanharam este processo todo, nas suas diversas etapas: minha queridíssima Arrex Maria, Nena e Tchê, Roberta Sivieiro, Amaury, Lô Botezelli, Sabrina Sanfelice, Lú Antonini, Renato "Zappa" Chagas, , Leandro "Lelão" Fontana, Roberson "Kabloko", Lari Nadai, João "Kali", Lari e Jajá, Debrinha, BinaChris, HecMec, Mundice e Laura, Fábio Bisão, Marisa Feffermann, LêMárcioLéo, o Super Eduardo "Duzzaum" dos Santos e, principalmente ao querido primo Fernando "Tadeu" Álvares Leite e sua amorosa Jaci, que me acenderam as luzes num momento em que eu me encontrava perdida nas "trevas do neoliberalismo".

Finalmente, ao Adriano Prone, que tem me dado o alicerce filosófico prático neste processo de vir-a-ser: "romanamente grega", "cristanamente pagã", "meninamente mulher".

Fora preciso o monge dizer que a vida é simples e descomplicada para que percebêssemos isso.

Fora preciso o monge dizer que quando todos nós formos incapazes de suportar o sofrimento alheio a terra será o paraíso, para que percebêssemos a simples verdade.

Fora preciso o monge falar que o egoísmo é o câncer que se multiplica em metástases pelo mundo, para que percebêssemos isso.

Fora preciso o monge explicar que a história é feita de pedaços de opiniões, nem sempre verdadeiras, como as páginas soltas de um livro, bem ou mal escrito, verdadeiro ou não, para que percebêssemos a veracidade desta doutrina.

(Fernando Zurita Fernandes)*

(*) FERNANDES, Fernando Zurita. **O Pequeno Dragão Dourado**. São Carlos, SP: Ed. Compacta, 2001.p. 46.Fernando Z. Fernandes (1946-2002), bacharel em Direito, empresário ararense, escritor, 11 livros publicados, caminhante dos crepúsculos, pai de 4 filhos, meu pai.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABONG	Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
CDI	Comitê de Democratização da Informática
Cidadão RAC	Rede Anhanguera de Comunicações
CMDCA	Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente
CMI	Capitalismo Mundial Integrado
COM_VIVER	Atendimento a Adolescentes e Jovens em ESCCA
CPFL	Companhia Paulista de Força e Luz
CRAMI	Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância.
DCA	Direitos da Criança e do Adolescente
DIC	Distrito Industrial de Campinas
DST/AIDS	Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMBRAER	Empresa Brasileira de Aeronáutica
ESCCA	Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes
EURECA	Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente
FACAMP	Faculdade de Campinas
FE	Faculdade de Educação
FEBEM	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (Atual Fundação Casa)
FedEx	Federal Express
FIA	Fundo da Infância e do Adolescente
FMDCA	Fundo Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente
GM	General Motors
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Unicamp)
INTERNET	Interconnected Networks
LA	Liberdade Assistida
LDB/MEC	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MAB	Movimento dos Adolescentes Brasileiros
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNDH	Programa Nacional dos Direitos Humanos
SGD	Sistema de Garantia de Direitos
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento às Medidas Socioeducativas
TABA	Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
VIOLAR	Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Formação de Educadores – FE/Unicamp

RESUMO

A humanidade, ao longo de seu percurso histórico, tem estabelecido bizarras relações no exercício da arte de viver e conviver. São relações de poder e obediência, de fuga e captura, de controle e submissão, de resistência e luta, de extermínio e preservação. Diante disso, este texto busca debruçar-se sobre as formas de poder e de governo — ou melhor, de “governamentalidade” — a partir da Idade Média até a atualidade, amparado pelo referencial teórico das últimas conferências de Michel Foucault. Partiremos da sociedade de soberania e passaremos pela sociedade de disciplina para, então, compreendermos a forma como o “biopoder” segundo Foucault (2008b) ou a chamada “sociedade de controle” por Deleuze (1992) geraram o neoliberalismo e, com ele, as instituições como as ONGs, cuja intenção de conter a miséria, leva, de certa forma, a perpetuá-la.

Iremos nos aprofundar na reflexão de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) sobre como o “Aparelho de Estado” e as instituições de poder da atualidade (mídia, grandes empresas nacionais e multinacionais) capturam as tentativas de resistência e luta das “Máquinas de Guerra”. Tentaremos verificar como é possível resistir criando “linhas de fuga”, construindo novas maneiras de estar em grupos, novas formas de ser, de governar a si mesmo e, conseqüentemente, de governar aos outros. Enfim, qual a possibilidade de existirem novas formas de subjetivação.

Finalmente, estudaremos essas relações de poder e subjetivação através da TABA, uma ONG cuja ambigüidade a torna, em alguns momentos, capturada pelos tentáculos do neoliberalismo e, em muitos outros, a permite criar espaços de fuga e resistência. Essa paradoxal existência nos leva a perceber que, mesmo de dentro da máquina, ainda é possível criar formas de autonomia, de resistência tal qual um Frankstein às avessas, ou seja, como filha do neoliberalismo, a(s) ONG (s) supera(m) e boicota(m) o criador, construindo “buracos na lei” e novos modos de ser, mesmo estando na condição engessada de uma instituição.

ABSTRACT

Along its history, Humankind has established bizarre relations in the exercise of living. These are relations of power and obedience, escape and capture, control and submission, resistance and fight, slaughtering and preservation. In face of this, this article goes through forms of power and government – or ‘governmentability’, to say so – from the Middle Ages until now, supported by the theoretical basis of Michel Foucault. We will start from the society of sovereignty, go through the society of discipline and therefore, we will be able to understand how the form of “biopower”, according to Foucault, or the “society of control” according to Deleuze, has generated neoliberalism and, with it, institutions such as the NGOs, whose intention to retain misery actually fosters its perpetuation.

We will look thoroughly into the reflection made by Gilles Deleuze and Félix Guattari about how the “State Device” and the present power institution (media, big national and multinational companies) have captured the attempts of resistance and fight of the “War Machines”. We will try to verify how it is possible to resist by creating “escape lines”, building new forms of living in groups, new forms of being, of governing oneself and therefore, governing others. All in all, what the possibilities of new forms of subjectification are.

Finally, we will study these relations of power and subjectification through TABA, an ONG whose ambiguity allows it at times to be captured by the tentacles of neoliberalism and, in many other moments, allows it to create runaway and resistance spaces. This paradoxical existence leads us to realize that even inside the machine, it is still possible to create forms of autonomy, resistance, such as an upside-down Frankenstein, that is, as children of neoliberalism, NGOs overcome and boycott the creator, digging “holes in the law” and building new forms of existence, even being plastered in the condition of an institution.

SUMÁRIO

<i>Dedicatória.....</i>	<i>v</i>
<i>Agradecimentos.....</i>	<i>vii</i>
<i>Epígrafe.....</i>	<i>ix</i>
<i>Lista de siglas.....</i>	<i>xi</i>
<i>Resumo.....</i>	<i>xiii</i>
<i>Abstract.....</i>	<i>xv</i>

1 INTRODUÇÃO	1
---------------------	----------

1.1. A pesquisa	2
1.2. A pesquisadora	4
1.3. O menino de Lispector	6
1.4. Um novo tempo...	8

2. AS ONGs COMO FRUTO DO NEOLIBERALISMO	11
--	-----------

2.1. Poder soberano, poder disciplinar e biopoder	11
2.2. O Estado liberal e o nascimento das Organizações não governamentais	14
2.3. Liberdade e medo, guerra e paz, solidariedade e racismo: os paradoxos do neoliberalismo entre as ONGs	19
2.4. ONGs enquanto “Máquinas de Guerra” e “Aparelho de Estado”	24

3 A TABA	27
-----------------	-----------

3.1 O olhar	27
3.2 O despertar	31
3.3 Educadores nômades e sedentários	32
3.4. As brechas cartografadas	34

4. PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	37
-------------------------------------	-----------

4.1. A subjetividade capitalística	37
4.2. Novas formas de subjetividade e cuidado de si	39
4.3. Moral e ética	42
4.4. Autonomia como outra forma de subjetividade	44
4.5. Corredores ecológicos e corredores de subjetividade	47

5. REFLEXÕES IN-CONCLUSIVAS	49
------------------------------------	-----------

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
--------------------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	61
---------------------	-----------

ANEXOS	67
---------------	-----------

- A. Questões semi-estruturadas**
- B. Equipe entrevistada**
- C. A Taba por ela mesma: documento oficial**
- D. Memorial**

1.INTRODUÇÃO:

Pour moi, il n'aura de sens [ce séminaire] que si ça fonctionne. C'est-à-dire, très précisément, se les différentes avancées théoriques que je proposerai ici servent effectivement aux gens (Félix Guattari apud François Dosse)¹.

Desde Einstein, sabe-se não ser possível separar o experimento do experimentador, a pesquisa do pesquisador, o estudo do amor. Minha formação em psicologia, assim como minha prática de vinte anos como terapeuta de seres humanos em seus mais diversos agrupamentos não me permitem desvincular qualquer contato humano da relação de cura. E este processo de ler, aprender, ouvir, falar, escrever e pensar ao qual a academia carinhosamente me conduziu, constituiu, em minha vida, um processo de cura.

Spinoza, Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari e tantos outros citados na bibliografia que se seguirá, me apadrinharam, me levaram à beira da loucura e, ao mesmo tempo, me curaram, me transformaram em algo melhor, me tornaram mais lúcida, mais próxima de ser, nietzschianamente falando, uma obra de arte em constante processo de construção, pretensiosamente, uma artista de mim mesma:

Para Nietzsche, não há um eu real e escondido a descobrir. Atrás de um véu sempre há outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara, atrás de uma pele, outra pele. O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar, não por explorar, mas por criar da mesma maneira que um artista cria uma obra. Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo (LAROSSA, 2005, p.76).

¹ Présentation du séminaire, 9 décembre 1980, archives IMEC in DOSSE, 2007, p.314. “Para mim, este seminário só terá sentido se funcionar. Quer dizer, precisamente, se os diferentes avanços teóricos que eu proporei aqui servirem efetivamente às pessoas”. [Tradução minha]

1.1. A pesquisa

Daí o tom de raiva, de legítima raiva, que envolve meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador “acinzentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele (Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia).

Ingressando no programa de Mestrado da Faculdade de Educação da UNICAMP em julho de 2006, no grupo de pesquisa *Violar: Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Formação de Educadores*, apresentei meu primeiro projeto de pesquisa que envolvia a utilização da arte em uma sala de aula considerada violenta. Tratava-se do terceiro ano do ensino médio de um colégio particular em uma cidade do interior do Estado de São Paulo². Dois fatos, porém, contribuíram para que eu mudasse o meu tema de pesquisa: primeiro, a minha dificuldade em manter os alunos em silêncio e conter o entusiasmo deles diante de minhas aulas/acontecimentos, o que resultou em contratempos com os demais professores, a direção e a administração da escola; e segundo, o envolvimento do VIOLAR³ com a TABA⁴, uma organização não-governamental⁵, localizada na cidade de Campinas e que atende adolescentes em situação de risco social e suas famílias.

² No espaço-tempo da disciplina de Educação Artística da grade curricular do colégio onde trabalhei, utilizei imagens, técnicas de desenhos, colagens e pinturas de mandalas, trechos de filmes, as mais diversas músicas, poesias e trechos de clássicos da literatura. Essa situação foi retomada e discutida em FERNANDES, Adriana Dezotti. **O imaginário das Mandalas: entre o fictício e o real no espaço escolar.** *Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*, Recife, 2006. Sobre isso, também há o artigo ainda não publicado **Desterritorializando o espaço escolar para abrir espaço para novas reterritorializações**, apresentado no Seminário Conexões Gilles Deleuze: Filosofia-Arte-Educação. FE- Unicamp, 2007.

³ Vide tabela.

⁴ Vide tabela.

⁵ Organização Não-Governamental: aquela que não integra o Estado nem está ligada ao Governo, mas cujas atividades, não sendo empresariais, estão voltadas para a esfera pública (Dicionário Aurélio, 2006, p.596).

A possibilidade de se firmar um Convênio de Extensão com a Unicamp⁶ fez com que eu frequentasse a instituição, onde passei a desenvolver uma atividade denominada Literatura Marginal. Através da distribuição de algumas poesias panfletadas, buscava-se estimular os jovens a encontrar os livros disponíveis na pequena biblioteca da TABA e a conversar com os educadores.

O projeto de Literatura Marginal foi minha porta de entrada na TABA, principalmente no que se refere às relações com os adolescentes. Uma das adolescentes que se interessou muito pela atividade, ao ler o poema abaixo, exclamou: “*Sou eu! Esse poema fala de mim*”:

EU...

(Espanca, 2003, p.27)

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que alguém sonhou.
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!⁷

Os adolescentes circulavam pela TABA, uns curiosos, outros indiferentes com minha presença. Como entrevistá-los sem que a fala fosse contaminada pela presença do gravador? Fiz algumas tentativas, mas vi que não seria por ali o caminho que meus passos de pesquisadora iriam percorrer.

Existem coisas que não conseguem ser ditas, nem gravadas, como talvez uma foto, ou um filme, uma música, ou um poema como foi o caso da adolescente citada acima. Seria inútil tentar captar isso com um gravador, havia algo que escapava das palavras, se esgueirava por outros

⁶ O convênio de extensão entre a TABA e a UNICAMP está transitando nas instâncias da instituição para ser firmado.

⁷ As frases em negrito foram aquelas com as quais a adolescente mais se identificou.

lados. Quais seriam esses outros lados? O de fora era extenso e complexo demais: a rua, a escola, a casa, os abrigos, a Fundação Casa⁸, o Conselho Tutelar, o juiz. Havia um outro, o lado da TABA. O que será que acontecia ali, entre educadores e adolescentes, entre a coordenação e a equipe, que permitia que tal clima se instaurasse?

A minha aproximação da TABA e seus desafios, a relação dos educadores sociais e da equipe com a instituição, e as possibilidades de criação de novos “processos de subjetivação”⁹ que esta relação permitia me indicaram novos caminhos a serem perseguidos. Fundamentei-me no sentido que Deleuze (1992, p.217) dá a esses processos, ou seja, enquanto formas pelas quais “indivíduos ou coletividades se constituem como sujeitos”, mais especificamente “na medida em que escapam aos saberes constituintes e aos poderes dominantes”.

À medida que o tempo passava, pude perceber melhor a dinâmica e o funcionamento da equipe. Optei, então, por entrevistar os membros da equipe e escolhi os que, aos meus olhos, tinham uma relação mais intensa com a população atendida.

Em janeiro de 2008, após ter concluído a maioria das entrevistas com os educadores e a equipe dessa ONG, aceitei cautelosamente o convite para assumir o cargo de vice-presidente da instituição. Identificando-me com a fala de Paulo Freire na epígrafe acima quando expressa sua dificuldade em ser um pesquisador “acinzentadamente” imparcial, comprometo-me a não absolutizar meu ponto de vista e assumo o desafio de jamais me afastar da busca de uma posição rigorosamente ética.

1.2. A pesquisadora

*Eu não sou eu.
Eu sou aquele
Que caminha ao meu lado, sem que eu o enxergue,
Que eu visito frequentemente
E que frequentemente eu esqueço.
Aquele que cala em silêncio quando eu falo,
Que docilmente perdoa quando eu odeio,
Que fica em pé, quando eu morro.
(Juan Ramón Jiménez)*

⁸ Antiga FEBEM.

⁹ Nos debruçaremos mais sobre este conceito no Capítulo 4.

Fui me guiando pela minha intuição e pela necessidade, cada vez crescente, de cooperar com a TABA, uma necessidade, devo confessar, muitas vezes, maior e mais apaixonante do que a de terminar o mestrado.

Assim, fui permitindo que a TABA me atravessasse à medida que deixava também minhas próprias marcas na instituição. O material sobre o qual me debrucei para selecionar os dados de análise foi, principalmente, as entrevistas realizadas com a equipe da TABA. Tal material foi se configurando e a pergunta, que me levaria ao “problema da pesquisa”, se modificava, escorregava de minhas mãos a cada vez que eu tentava defini-la.

As entrevistas transcritas bailavam diante de meus olhos e não se fixavam no texto da dissertação. As falas eram ricas, interessantes, mas traziam capturas do assistencialismo, dos movimentos sociais, da periferia, da academia. O que começou a me instigar era o não-dito, o vivido, as ambigüidades e intensidades que pulsavam das falas, criando vida, abrindo as brechas, traçando planos pelos quais se constituiria a forma mutante da instituição. Então, lentamente, as falas das entrevistas me permitiram, como diria Deleuze (1992, p.211), “remontar o acontecimento”, instalar-me “nele como num devir, nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, passar por todos seus componentes ou singularidades”.

A questão norteadora da pesquisa, portanto, brotou das respostas dos entrevistados, indicando que o foco não seria mais o olhar do educador ou da coordenação sobre a população atendida, seus sentimentos e sua relação com a instituição. Compreendi que precisaria me aprofundar ainda mais, principalmente, porque percebi que a equipe tinha uma relação visceral com os meninos e as meninas que frequentavam a TABA. O que me saltou aos olhos foi essa forma que eles tinham de ir se construindo, se (re)fazendo a cada dia. As novas maneiras que encontravam para lidar com a impotência e com a raiva frente a um sistema que captura e engole a todos tal Chronos devorador. Tais maneiras brotavam da autonomia que perpassava as relações dos educadores com a coordenação, com a população atendida, consigo mesmos.

Autonomia enquanto linha de fuga, enquanto brecha, movendo aquela equipe, permitindo que a cada instante seus educadores criassem novas formas de subjetivação e inventassem um novo jeito de realizar seu trabalho.

1.3. O menino de Lispector

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual (LISPECTOR, 1998, p.136).

Um espaço, uma instituição recebe influências do mundo, do ajuntamento de seres humanos que vai compondo os diversos grupos, os quais, em grande escala, constituem o agrupamento maior chamado de humanidade. A instituição pesquisada não fugiu à regra. Foi preciso, num determinado momento, que eu me distanciasse, me afastasse lentamente assistindo pesarosa, à deterioração de meus sonhos de salvadora do mundo, para que, enfim, pudesse, livre das representações e das possíveis ilusões assistencialistas e ideológicas, conhecer a situação, o atual, já que daquele ponto infinito onde as coisas realmente se encontram, “o hoje dela”, ninguém logra a conhecê-la, nem ela própria.

A princípio “o menino” era a TABA, depois a própria Unicamp e, finalmente, o menino de Lispector era eu mesma, minhas idéias, meus paradigmas, a representação que eu fazia do mundo, de suas pessoas e organizações. Foi preciso que eu me distanciasse da TABA, que eu relembresse o motivo pelo qual eu tinha chegado até lá. Foi preciso que eu me distanciasse da UNICAMP, de mim mesma, que me desfizesse da idéia de que as ONGs transformam o mundo e que isso bastaria.

O pesquisador deve esforçar-se para ir sendo, pouco a pouco, aceito pelo grupo. Mas ele precisa ser aceito como realmente é, ou seja, como alguém que vem de fora, que se dispõe a realizar, com o grupo, um estudo que pode lhe ser útil, mas que, num determinado momento, irá embora. Parece-nos ilusória a atitude, aparentemente radical, mas, no fundo, mistificadora, de pesquisadores que desejam desaparecer enquanto cientistas e se fundir totalmente na comunidade.

(...)

Se o pesquisador quer tornar-se apenas um membro a mais do grupo, ele acaba por se anular e se negar a si mesmo, perdendo sua razão de ser e seu direito de estar ali. Se se deixa absorver pela quotidianidade, se se perde no ativismo, limitando-se a seguir cegamente as pautas de comportamento do grupo, ele renuncia à utilização crítica dos instrumentos teóricos de que dispõe para transformar-se pura e simplesmente num militante a mais entre tantos outros (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1999, p.27-28).

E finalmente, o tempo, com sua infinita sabedoria, pôde me mostrar que não importava mais se o objeto desta pesquisa seria uma ONG ou as aulas de arte para alunos de uma sala de aula violenta do ensino médio. Pouco importava o tema, o que importava eram as brechas, as ambigüidades, a abertura para o novo, a possibilidade de sair da mesmice, a escolha pela criação pura, criação de corpos, de mentes, de formas de encontro, de maneiras de se olhar, de se falar, de trabalhar em equipe. O que importava era assistir à criação de uma instituição que se (re)faz a cada instante.

Compreendi finalmente que o que importa hoje, com uma urgência muito maior do que se possa imaginar, é que se criem outras formas de subjetivação, novas formas de ser e estar no mundo, sendo do mundo, fazendo-se desse mundo, desse não-lugar, um lugar às vezes, calmo, às vezes, violento, de acordar, de dormir, de trabalhar, de descansar, de conversar, de ficar quieto, de brigar, de amar, de ser feliz e de ser triste também:

Foucault sugere uma vida de autoria de si mesmo que é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência às tecnologias modernas de produção de subjetividade do indivíduo e uma arte da conduta centrada na coincidência daquilo que o indivíduo faz com aquilo que diz: procura não só do dizer verdadeiro (na tradição metafísica), mas do ser verdadeiro enquanto sujeito de um saber e de um poder sobre si mesmo. O autor de si próprio é o homem autêntico, aquele que faz de sua vida uma obra que exige cumprimento (MIRANDA e CASCAIS, 1997, p.25).

Em que medida afinal, a TABA constituiria essa tal autoria de si mesma, se dizendo verdadeira e sendo verdadeira, se singularizando num saber e num poder sobre si mesma, fazendo de sua existência uma obra sendo cumprida? Constituiria a TABA um espaço-tempo que proporcionaria a criação das “brechas de subjetivação” em seu cotidiano, escapando contínua e insistentemente da captura, criando linhas de fuga?

Terei eu logrado conhecer “o menino” de Lispector?

1.4.Um novo tempo...

*Porque ainda é de noite
No dia claro dessa noite.
(Raul Seixas)¹⁰*

Eram tempos obscuros; de uma obscuridade alegre, clara, “transparente”. Eram tempos ambíguos; de uma ambigüidade velada, travestida sob as vestes da democracia e da globalização, dos direitos garantidos, do Estado Liberal. O planeta Terra completava seus dois mil e poucos anos crísticos num clima aparentemente divertido e inocente, neoliberalismo, globalização, solidariedade, “cante comigo esta canção”, converse comigo onde quer que esteja, é só acessar a net, que maravilha!

Eram tempos em que a guerra aparecia travestida. O que se chamava de paz acobertava uma batalha cega, surda, muda, sangrenta, implacável comandada pelo Racismo Soberano. Racismo de Estado, racismo social, racismo cultural, racismo intelectual, ou moral, não importava, eram sempre faces de um só e mesmo monstro aniquilador de resistentes e miseráveis desesperados, um extermínio contínuo, interminável de seres fabricados pela mesma máquina que criava sonhos, desejos, ilusões, seres criados sob o signo do medo.

Era um tempo múltiplo em que soberania, disciplina, controle e captura coexistiam e dominavam corpos, mentes, grupos, populações. Valores transmutavam, bem e mal dançavam um “pas de deux” infinito, atordoando quem neles se mirassem. Tempos escuros, em que as sombras adquiriam formas inusitadas e a luz não passava de fantasmagoria inventada por transcendentais místicos.

Alguns saudosistas ainda suspiravam, rememorando tempos medievais em que o Mal tinha cara, rabo, chifres, o nome do vizinho inimigo, e o Bem podia ser encontrado nos afrescos coloridos das abóbodas e muros das catedrais, no rosto firme e sereno do soberano e sua esposa. Tempos em que a guerra era guerra e, na paz, os reis estendiam seus mantos protetores para que os súditos e suas famílias pudessem dormir tranquilos. Outros lamentavam a queda dos muros, das grades, dos limites, onde outrora tinham podido se escorar e tinham do que reclamar, podendo se revoltar, reivindicar liberdades, ludibriar chefes, vigilantes e governantes com aquele gostinho adrenado da irreverência. Mas a maioria exaltava diante das “alegrias do marketing”, da

¹⁰ Música *Água Viva* de Raul Seixas, 1974. Álbum Gita.

facilidade em adquirir produtos, trocar de carro, de celular, de sofá para poder sentar diante da TV e seus inúmeros canais, da internet e seus inúmeros artigos e amigos, aliviados pela existência das indústrias farmacológicas multinacionais e suas pílulas para conter a ansiedade, a angústia e o medo.

Eram tempos enganosos e até os mais argutos se deixavam capturar. Talvez o requinte mais cruel de tal máquina fosse isso: fazer com que os capturados se sentissem transgressores e resistentes. Eram tempos obscuros, enganosos. Eu já disse: eram tempos de Paz.

A noite reinava soberana e, num “dia claro desta noite”, uma pesquisadora encontra uma ONG. O tempo se congela e ela fotografa/cartografa com seu gravador, seus olhos, seu corpo, um espaço/tempo ínfimo e breve, no qual cada um “era o que era e quem não fosse não seria”, cenas breves que denunciavam espaços de autonomia, de fuga, mas que, momentos depois, voltariam a ser captura, tempo obscuro, controle, para, quem sabe mais tarde, tornar a escapar:

Eu conheço bem a fonte que desce daquele monte
Ainda que seja de noite
Nessa fonte está escondida o segredo dessa vida
Ainda que seja de noite
Êta fonte mais estranha que desce pela montanha
Ainda que seja de noite
Sei que não podia ser mais bela que os céus e a Terra bebem dela
Ainda que seja de noite
Sei que são caudalosas as torrentes que regam céus, infernos, regam gentes
Ainda que seja de noite
Aqui se está chamando as criaturas que dessa água se fartam mesmo às escuras
Ainda que seja de noite, ainda que seja de noite
Eu conheço bem a fonte que desce daquele monte
Ainda que seja de noite
Porque ainda é de noite no dia claro dessa noite.
(Raul Seixas)

2. As ONGs como fruto do Neoliberalismo

- *Você tem o olhar de um homem que aceita o que vê porque está esperando acordar.*
- *Há algo errado com o mundo, você não sabe o que é, mas você sente.*
- *A Matrix é o mundo que foi colocado diante de seus olhos para que você não visse a verdade.*
- *Que verdade?*
- *Que você é um escravo, como todo mundo, você nasceu num cativeiro, nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para sua mente*
(Diálogo entre os personagens **Morpheus** e **Neo** em *Matrix*)¹¹.

2.1. Poder soberano, poder disciplinar e biopoder

Com o refinamento e aperfeiçoamento dos aparelhos tecnológicos, transmutam-se também as formas de dominação. Qual filme de ficção científica, nos vemos monitorados por câmeras, por aparelhos celulares, mapeados por cartões de crédito, *plugados* na internet, onde depositamos voluntariamente, todas as informações possíveis e imaginárias de nossa vida, através de emails, msn, orkut, facebook, blogs e currículo lattes.

Mas Michel Foucault e Gilles Deleuze denunciam algo muito pior, muito mais elaborado: o controle velado que é exercido em nossas mentes sem que possamos nos dar conta. O neoliberalismo capitalístico¹² especializou-se em produzir medos e desejos, em transformar solidariedade em manutenção do sistema, liberdade em produto, diferenças em desigualdade, ignorância em medo, amizade em parceria, lar em empresa, vida em mercadoria. Para Foucault, isto é o Biopoder, a Biopolítica e para Gilles Deleuze, a Sociedade de Controle.

Nas sociedades de soberania, o poder concentrava-se nas mãos do rei, do soberano. Na Idade Média, nos séculos XVI e XVII, a “teoria jurídico-política da soberania” (FOUCAULT, 1999, p.41) constituiu-se em torno da monarquia e do monarca e era utilizada para limitar e/ou fortalecer o poder régio. Foucault (2008b, p.11) esclarece que “a prática judiciária havia sido o multiplicador do poder real durante toda a Idade Média” mas, a partir dos séculos XVII e XVIII,

¹¹ Referência ao filme **Matrix**, 1999. Direção Andy Wachowski e Larry Wachowski. Distr. Warner Bros. EUA, 1999.

¹² Tomo aqui emprestado o termo “capitalístico”, utilizado por Guattari e Rolnik, 2005, p.47-54 e retomado na p.35 do presente texto.

“a teoria do direito e as instituições judiciárias” passam de “multiplicadoras” a “subtratoras do poder real”. Aparece, então, uma “nova mecânica do poder” (FOUCAULT, 1999, p.42) que incide, agora, mais sobre os corpos do que sobre “a terra e seus produtos” — é o poder disciplinar. Tal poder, contrariamente ao anterior que se exercia “de forma descontínua por sistemas de tributos e obrigações” ao visar “bens e riquezas”, caracteriza-se por “extrair dos corpos o tempo e o trabalho”, atuar “continuamente por vigilância” e ser “um dos instrumentos fundamentais da implantação do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correlativo” (*op.cit.*, p.42-43).

Michel Foucault (*op.cit.*, p.43-44) afirma que a soberania, portanto, não deixou de existir, mas permitiu que, a partir do séc. XIX até nossos dias, fosse articulada, em torno dela, toda uma ideologia, “uma legislação, um discurso, uma organização de direito público” (a Europa do séc. XIX elaborou para si códigos jurídicos a partir dos códigos napoleônicos):

O discurso da disciplina é alheio ao da lei; é alheio ao da regra como efeito da vontade soberana. Portanto, as disciplinas vão trazer um discurso que será o da regra; não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, isto é, da norma. Elas definirão um código que será aquele, não da lei, mas da normalização, e elas se referirão necessariamente a um horizonte teórico que não será o edifício do direito, mas o campo das ciências humanas. E sua jurisprudência, para essas disciplinas, será a de um saber clínico (FOUCAULT, *op. cit.*, p.45).

O governo de Napoleão teria sido a “grande conversão” que operou a transição das *sociedades de soberania*¹³ às sociedades disciplinares (DELEUZE, 1992, p.219). Estas prevaleceram nos séculos XVIII e XIX, atingiram seu apogeu no século XX e constituíram os antigos meios de confinamento como a escola, a indústria, os hospitais, o exército, a prisão.

Gilles Deleuze (*op. cit.*, p.219) esclarece que, para Foucault, as *sociedades de soberania* se caracterizavam em “decidir sobre a morte mais do que gerir a vida”:

(...) uma das mais maciças transformações do direito público do séc. XIX consistiu, não digo exatamente em substituir, mas em completar esse velho direito de soberania – fazer morrer e deixar viver – com outro direito novo, que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo, modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de “fazer” viver e de “deixar” morrer. O direito de soberania é, portanto, o de fazer morrer ou de deixar viver. E depois, este novo direito é que se instala: o direito de fazer viver e de deixar morrer. (FOUCAULT, 1999, p.287).

Se, na sociedade de soberania, o poder incidia sobre a terra, na sociedade disciplinar, o objeto do poder passou a ser o indivíduo e seu corpo: “a biopolítica lida com a população, e a população como problema a um só tempo “científico e político”, como “problema biológico” e, como “problema de poder”, tal população constituiria “um novo corpo: corpo múltiplo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável” (*op. cit.*, p.292-293). É, portanto, a partir desse controle “científico”, “político” e “biológico” que o novo poder irá se instaurar:

Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica é – diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo – a vida dos homens, ou ainda, se vocês preferirem, ela se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite, se vocês quiserem, ao homem-espécie. Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder, que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana (FOUCAULT, *op. cit.*, p.289).

Para Foucault (*op.cit.*, p.291), a biopolítica passou a fabricar “não somente instituições de assistência” que já existiam mas “mecanismos muito mais sutis”, “mais racionais, de seguros, de poupança individual e coletiva, de seguridade, etc”. Tais mecanismos seriam economicamente muito mais viáveis que a antiga “grande assistência, a um só tempo maciça e lacunar, que era essencialmente vinculada à Igreja”, ou seja, “a biopolítica vai se dirigir, em suma, aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração” (*op. cit.*, p.293).

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. (FOUCAULT, 1980, p.131)

Segundo o mesmo autor, o biopoder surge e passa a coexistir com o poder disciplinar¹⁴. Deleuze (1992, p.220) completa que, após o final da Segunda Grande Guerra, “as sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” e, aos poucos, foram substituídas pelo que ele batizou de sociedades de controle, emprestando este termo “do mundo paranóico de um William Burroughs” (DELEUZE apud HARDT, 2000, p.357). As “sociedades de controle” estariam surgindo sem que as técnicas disciplinares desaparecessem, mas, integrando, de forma aparentemente livre, “mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos” (DELEUZE, op.cit., p.220).

Estariam nossos cérebros e corpos abduzidos, institucionalizados pela sociedade de controle? Estaríamos confinados numa prisão “que não se consegue ver ou tocar” como diz *Morpheus* a *Neo*, no filme *Matrix*? De que maneira, portanto, podemos relacionar a temática das Organizações Não-Governamentais com a Sociedade de Controle e o Biopoder? Precisaremos, para isso, nos demorar ainda um pouco mais nestas questões históricas, fazendo um breve apanhado sobre o nascimento do Estado liberal e, conseqüentemente, do conceito de sociedade civil.

2.2. O Estado Liberal e o nascimento das Organizações-Não-Governamentais

A palavra “liberalismo” se justifica pelo papel que a liberdade desempenha na arte liberal de governar: liberdade garantida, sem dúvida, mas também produzida por essa arte, que para alcançar seus fins necessita suscitar-la, mantê-la e enquadrá-la permanentemente. Assim, o liberalismo pode ser definido como o cálculo do risco - o livre jogo dos interesses individuais – compatível com o interesse de cada um e de todos. (SENELART apud FOUCAULT, 2008b, p.444)

Michel Foucault (*op.cit.*, p.432) analisa o “liberalismo”¹⁵ como uma prática, uma “‘maneira de fazer’ orientada para objetivos e regulando-se por uma reflexão contínua”. Isso

¹⁴ “Ora, durante a segunda metade do século XVII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes”. (FOUCAULT, 1999, p.288-289).

¹⁵ Aspas do autor.

significa que, no liberalismo, nada se dá ao acaso, tudo é pensado, estudado, tendo sempre em vista acompanhar e administrar as oscilações e fluxos do mercado.

A reflexão liberal não parte da existência do Estado, encontrando no governo o meio de alcançar este fim que ele seria para si mesmo; mas da sociedade, que está numa relação complexa de exterioridade e de interioridade com o Estado (FOUCAULT, *op.cit.*, p.433-434).

Enquanto na Idade Média, até próximo ao século XVI, buscava-se governar com sabedoria, “de acordo com a ordem das coisas” (*op.cit.*, p.24-26, 422-423), a partir de “leis morais, naturais e divinas”, os séculos XVI e XVII caracterizavam-se pela racionalidade do próprio soberano, razão de Estado que consistia em governar bem, em “levar o Estado a seu máximo de força”, “regular o governo pela racionalidade” que Foucault nomeou como “formas modernas da tecnologia governamental”. Já o liberalismo (Século XVIII em diante) prima pela “racionalidade dos que são governados” como “sujeitos econômicos” e como “sujeitos de interesse”, que vão “servir de princípio de regulação para a racionalidade do governo”, já que, com o surgimento da economia política, introduz-se o “princípio de autolimitação do governo” e a “questão da verdade”, segundo a qual, “um governo nunca sabe o bastante que corre o risco de sempre governar demais, ou também um governo nunca sabe direito como governar apenas o bastante”.

Para Foucault (*op.cit.*, p.62), a nova razão governamental “só se interessa pelos interesses” e deixa de lidar com “os indivíduos”, “as coisas”, “as riquezas” e “as terras” para lidar com os “fenômenos da política” que são “os interesses ou aquilo por intermédio do que determinado indivíduo, determinada coisa, determinada riqueza, etc. interessa aos outros indivíduos ou à coletividade”. Diante de tal realidade, o autor (*op.cit.*, p.398) aponta o surgimento do *homos oeconomicus*, aquele que, substituindo o “sujeito de direitos” e limitando o poder do soberano, nasce das leis da economia para destituir tal poder. Essa destituição de poder se daria “na medida em que faz surgir no soberano uma incapacidade (...) para dominar a esfera econômica”.

Ao analisar a posição dos fisiocratas que reconheciam a existência de uma “ordem natural”¹⁶ nos fenômenos econômicos, Foucault (*op.cit.*, p.399) afirma que o soberano terá que ter, “ante o processo econômico”, ante o mercado “uma posição ao mesmo tempo de passividade (...) e de vigilância, e de certo modo de controle, ou antes, de constatação total e perpétua desse processo”. Finalmente, “governar num espaço de soberania povoado por sujeitos econômicos” (*op.cit.*401-402), garantir tal “governamentalidade” só seria possível pela “emergência de um novo objeto”, uma “referência”, um “campo de referência novo”, ou seja, a sociedade civil:

Um governo onipresente, um governo a que nada escapa, um governo que obedece às regras do direito, mas um governo que respeita a especificidade da economia, será um governo que administrará a sociedade civil, que administrará a nação, que administrará a sociedade, que administrará o social. (FOUCAULT, *op.cit.*, p.403).

A sociedade civil, para Michel Foucault (*op.cit.*, p.402), “não é, portanto uma idéia filosófica” mas sim, um conceito da “governamentalidade liberal” que não inflige nem as leis da economia e nem os princípios de direito. A sociedade civil, portanto, ao contrário do que se pensa ainda, “não é uma realidade primeira e imediata” (*op.cit.*, p.404) e tampouco “dado histórico-natural que viria de certo modo servir de pedestal, mas também de princípio de oposição ao Estado ou às instituições políticas”. No liberalismo, a sociedade civil é “uma tecnologia de governo que tem por objetivo sua própria autolimitação, na medida em que é indexada à especificidade dos processos econômicos”, indissociável do *homo oeconomicus*. Soberania do mercado, reinado dos interesses, da concorrência, do lucro.

Ainda sobre a sociedade civil, Foucault (*op. cit.*, p.408-412) reflete a partir de uma análise da obra *Essai sur l’histoire de la société civile* de Ferguson:

O que vincula os indivíduos na sociedade civil é o instinto, é o sentimento de simpatia, são os movimentos de benevolência dos indivíduos uns para com os outros, é a compaixão, é também a repugnância a outros indivíduos, é a repugnância à infelicidade dos indivíduos, mas é eventualmente o prazer que podemos sentir com a infelicidade de outros indivíduos de que vamos nos separar.

(...)

A sociedade civil não é humanitária, é comunitária (FOUCAULT, *op.cit.*, p.409-410).

¹⁶ Ordem natural “é uma ordem racional segundo a qual todo indivíduo por alcançar o máximo gozo possível com o mínimo esforço. Por esse seu caráter, essa ordem garante a coincidência do interesse particular com o interesse geral de modo que ‘o mundo caminha por si mesmo’ e o desejo de bem-estar comunica à sociedade uma tendência contínua ao melhoramento”. O lema dos fisiocratas era “laissez faire”, “laissez passer”. (ABBAGNANO, 1970, p.282-283).

Guerra e paz, simpatia e repugnância. Dessa forma, tanto as iniciativas filantrópicas quanto um Racismo de Estado¹⁷ podem ser facilmente implantados numa população que vive na ambigüidade, entre a solidariedade tribal e o interesse capitalístico. É, portanto, nesse cenário neoliberal de uma sociedade civil servindo às necessidades autolimitadoras de um Estado atrelado à economia política, que surgem as Organizações-Não-Governamentais como iniciativas da sociedade civil para fazer o que o governo não está dando conta de fazer.

(...) no Brasil, o termo ONG refere-se a um tipo peculiar de organização da sociedade. Trata-se de um agrupamento de pessoas, organizado sob a forma de uma instituição da sociedade civil, sem fins lucrativos, com o objetivo de lutar e/ou apoiar causas coletivas. (GOHN, 2003, p.59)

Segundo Maria da Glória Gohn (op.cit., p.53-54) “a expressão ONG foi criada pela ONU na década de 40 para designar entidades não-oficiais que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos de interesse social.” Mas, segundo Gohn “alguns autores datam o surgimento das ONGs no Brasil desde a época da Colônia” quando Igreja e Estado não eram legalmente separados, existindo grupos de religiosos caritativos incomparáveis com as ONGs atuais. Em sua exposição, afirma que desde os anos 80, o Banco Mundial tem dado grande atenção às ONGs “considerando-as como mais eficientes que as agências governamentais, priorizando ações em parcerias com elas”. Para Gohn (op.cit., p.55), “o denominador comum das ONGs parece ser a sua razão social de fins não lucrativos”.

Num primeiro olhar ingênuo, a proposta é atraente: a criação de instituições para gerir as questões ecológicas e sociais e para atuar nos campos da preservação do meio ambiente, da garantia dos direitos das minorias, da diminuição da miséria humana, da formação humanitária de profissionais:

No capitalismo só uma coisa é universal, o mercado. Não existe Estado universal, justamente porque existe um mercado universal cujas sedes são os Estados, as Bolsas. Ora, ele não é universalizante, homogeneizante, é uma fantástica fabricação de riqueza e de miséria. Os direitos do homem não nos obrigam a abençoar as “alegrias” do capitalismo liberal do qual eles participam ativamente. Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana (DELEUZE, 1992, p.213).

Para Barbosa (2006, p.175), ao compartilhar “seu espaço de atuação com outras entidades de representação da sociedade civil” na década de 90, as ONGs passaram a compor o que se denomina de Terceiro Setor.

¹⁷

Discorreremos sobre este conceito mais adiante.

Em outras palavras, nasce, entre um setor público estatal e um privado-lucrativo empresarial, um terceiro sujeito, de caráter privado em sua formação, porém público em sua ação.(BARBOSA, 2006, p.176)

Barbosa (op.cit., p.177) analisa o surgimento e o fortalecimento do Terceiro Setor, associando-o ao “processo de globalização econômica e ascensão da teoria neoliberal”, principalmente devido ao “distanciamento do Estado dos espaços públicos” e pelo “fortalecimento do caráter subjetivo do mercado”¹⁸.

Dessa forma, as teias da Sociedade de Controle, as garras do capitalismo já tinham capturado e imobilizado sua presa, pois era exatamente isso que o Estado neoliberal pretendia:

No interior da sociedade de controles contínuos, os lugares são redefinidos por fluxos. O investimento não é mais no corpo propriamente dito; interessa, agora extrair o máximo de energias inteligentes, fazer participar, criar condições para cada um sentir-se atuando e decidindo no interior das políticas de governos, em organizações não-governamentais e na construção de uma economia eletrônica. (...) Os asilos, as prisões, os hospitais, os manicômios, as escolas, o sexo, as crianças, são atravessados por direitos. *Sociedade de plenos direitos*.

(...)

O direito não é mais acesso, mas condição para a continuidade dos súditos reinventores de soberanias desterritorializantes. (...) O Estado, então, existe como agenciador produtivo ao lado das empresas e organizações não-governamentais para administração de corpos desnecessários, trazendo para o centro das controvérsias a ética da fraternidade (PASSETI, 2005, p.136).

Talvez, então, pensar em direitos humanos, em direitos a ter direitos seja hoje somente mais uma face refinada do neoliberalismo. Como dizia Deleuze no verbete *Gauche* do Abecedário (2005, p.25), tudo não passa de uma questão de jurisprudência, e os direitos humanos são uma “conversa para intelectuais odiosos, intelectuais sem idéias”. Para ele, não existem direitos humanos, “há direitos da vida”:

Agir pela liberdade e tornar-se revolucionário é operar na área da jurisprudência. A justiça não existe! Direitos Humanos não existem! O que importa é a jurisprudência. Esta é a invenção do Direito. Aqueles que se contentam em lembrar e recitar os Direitos Humanos

¹⁸

A respeito das ONGs e seu contexto histórico ver também: DAGNINO, 2000; GOHN, 2001; GRUPO DE ESTUDOS DA CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA, 1988/1989; KURKA, 2008; MONTAÑO, 2002; PAOLI e TELLES, 2000; TEIXEIRA, 2000 e TELLES, 1994.

são uns débeis mentais! Trata-se de criar, não de se fazer aplicar os Direitos Humanos. Trata-se de inventar as jurisprudências em que, para caso, tal coisa não será mais possível. É muito diferente (DELEUZE, 2005, p.26).

Deleuze (1992, p.209), diz que mais do que as representações, o que lhe atraíam eram “as criações coletivas”. Para ele, “nas ‘instituições’ há todo um movimento que se distingue ao mesmo tempo das leis e dos contratos”:

O que me interessa não é a lei nem as leis (uma é noção vazia, e as outras são noções complacentes), nem mesmo o direito ou os direitos, e sim a jurisprudência. É a jurisprudência que é verdadeiramente criadora de direito: ela não deveria ser confiada aos juízes. Não é o Código Civil que os escritores deveriam ler, mas antes as coletâneas de jurisprudência. (...) Não é de um comitê de sábios, comitê moral e pseudocompetente, que precisamos, mas de grupos de usuários. É aí que se passa do direito à política (*op.cit.*, p.209-210).

2.3. Liberdade e medo, guerra e paz, solidariedade e racismo: os paradoxos do neoliberalismo entre as ONGs

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, ou como a semente do trigo e a sua morada será sempre o coração do homem. (Thiago de Mello, Os Estatutos do Homem)

Coexistindo com o poder disciplinar, mas estabelecendo novos requintes, o Biopoder é do liberalismo, o “filho que deu certo” à medida que administra a liberdade para transformá-la em mercadoria, produção, consumo, sonho, prêmio:

Se utilizo a palavra “liberal”, é, primeiramente, porque essa prática governamental que está se estabelecendo não se contenta em respeitar esta ou aquela liberdade, garantir esta ou aquela liberdade. Mais profundamente, ela é **consumidora de liberdade**. É consumidora de liberdade na medida em que só pode funcionar se existe efetivamente certo número de liberdades: liberdade de mercado, liberdade do vendedor e do comprador, livre exercício do direito de propriedade, liberdade de discussão, eventualmente liberdade de expressão, etc. A nova razão governamental necessita portanto de liberdade, a nova arte governamental consome liberdade. **Consome liberdade, ou seja, é obrigada a produzi-la. É obrigada a produzi-la, é obrigada a organizá-la.** A nova arte governamental vai se apresentar portanto como gestora da liberdade, não no sentido do imperativo “seja livre”, com a contradição imediata que esse imperativo pode trazer. Não é o “seja livre” que o

liberalismo formula. **O liberalismo formula simplesmente o seguinte: vou produzir o necessário para tornar você livre** (FOUCAULT, 2008b, p.86).¹⁹

Para Foucault (*op. cit.*, p.88), “o liberalismo não é o que aceita a liberdade”, é o que a fabrica continuamente assumindo todos os “problemas de custo que essa fabricação levanta”. Tal “arte liberal de governar” produziria também inúmeros “procedimentos de controle, de pressão, de coerção” que viriam a ser “o contrapeso das liberdades” (*op.cit.*, p.91). O jogo do liberalismo é permitir que as pessoas façam, que as coisas passem, andem, “*laisser-faire, laisser-passer, laisser aller,*” (FOUCAULT, 2008a, p. 62-63). O jogo do liberalismo é reivindicar a liberdade como “condição de desenvolvimento” da economia capitalista. Liberdade como peça de transformação das “tecnologias de poder”, utilizada para “implantação de dispositivos de segurança”:

(...) o lema do liberalismo é “viver perigosamente”. “Viver perigosamente” significa que os indivíduos são postos perpetuamente em situação de perigo, ou antes, são condicionados a experimentar sua situação, sua vida, seu presente, seu futuro como portadores de perigo. E é essa espécie de estímulo do perigo que vai ser, a meu ver, umas das principais implicações do liberalismo (FOUCAULT, 2008b, p.90).

Paralelamente à “usina de liberdades”, portanto, implanta-se a produção do medo: para aqueles que fazem parte do círculo protegido economicamente, é o medo de ficar doente e não ter um plano de saúde, medo de sair sem celular e acontecer alguma coisa, medo que minha empregada esteja me roubando, medo de ser traído, medo do moço estranho que passa ao meu lado na rua, medo de perder meu emprego, de não dar certo na vida, de fracassar, de ser “loser” e não “winner”²⁰, medo de não conseguir trocar de carro e ter que gastar muito com mecânico, medo de seqüestro, medo de doença, medo da morte, medo; para aqueles que estão na periferia social, medo de perder o emprego, medo de não conseguir pagar o carnê das prestações da TV, medo de que a patroa pense que fui eu quem roubou o colar (que ela depois descobriu que tinha esquecido na sauna), medo da polícia²¹, medo do filho da vizinha que “desandou”, medo que meu filho vire um bandido, medo de não ter dinheiro para pagar a conta do mercado, medo da fome, medo da morte, medo.

¹⁹ Negritos meus

²⁰ Do inglês: loser/ perdedor; winner/vencedor.

²¹ Certa vez, numa palestra para menores infratores em liberdade assistida, pedi que escrevessem num pedaço de papel qual era o maior medo deles. A maioria escreveu: “medo de ser forjado pela polícia”

O polonês Bauman se refere à “política do medo cotidiano” segundo Zukin²², que descreve a reação de isolamento da população em suas casas e conseqüente esvaziamento e/ou militarização dos espaços públicos.

Simultaneamente ao paradoxo entre *Liberdade e Medo*, complementando-o e inserindo novos matizes, surge outro paradoxo do neoliberalismo: *guerra e paz*. Guerra enquanto batalha surda, massacre de pobres, elitismo, exclusão social, fábrica de medo, o que Foucault descreverá como “Racismo de Estado”:

A relação de poder será em seu fundo uma relação de enfrentamento, de luta de morte, de guerra? Sob a paz, a ordem, a riqueza, a autoridade, sob a ordem calma das subordinações, sob o Estado, sob os aparelhos do Estado, sob as leis, etc., devemos entender e redescobrir uma espécie de guerra primitiva e permanente? (...) O fato da guerra pode e deve ser efetivamente considerado primeiro em comparação a outras relações (as relações de desigualdade, as dissimetrias, as divisões de trabalho, as relações de exploração, etc.)? Os fenômenos de antagonismo, de rivalidade, de enfrentamento, de luta entre indivíduos, ou entre grupos, ou entre classes, podem e devem ser agrupados nesse mecanismo geral, nessa forma geral que é a guerra? (FOUCAULT, 1999, p.53)

Michel Foucault (*op.cit.*, p.55-56) aponta para o surgimento, no final da Idade Média, de instituições militares atreladas ao Estado que modificariam a antiga sociedade eternamente “perpassada por relações guerreiras”, sociedade que tinha na guerra uma “prática cotidiana”:

Quando a guerra se viu expulsa para os limites do Estado, ao mesmo tempo centralizada em sua prática e recuada para a sua fronteira, eis que apareceu (...) um discurso histórico-político sobre a sociedade, e que foi muito diferente do discurso filosófico-jurídico que se costumava fazer até então. E esse discurso histórico-político que aparece nesse momento é, ao mesmo tempo, um discurso sobre a guerra entendida como relação social permanente, como fundamento indelével de todas as relações e de todas as instituições de poder (FOUCAULT, *op.cit.*, p.56).

As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver (FOUCAULT, 1980, p.129).

O discurso histórico-político era construído em substituição ao discurso filosófico-jurídico. Assim, Foucault, invertendo o aforismo de Clausewitz²³ (*op.cit.*, p.22), afirma que a

²² “O perigo mais tangível para o que chama de ‘cultura pública’, está para Zukin, na ‘política do medo cotidiano’. O espectro arrepiante e apavorante das ‘ruas inseguras’ mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta da busca da arte e das habilidades necessárias para compartilhar a vida pública”(BAUMAN, 2001,p.110).

política é a continuação da guerra, que “a guerra é o motor das instituições e da ordem”, que a paz “faz surdamente a guerra”, que “a guerra é a cifra mesma da paz” (FOUCAULT, *op.cit.*, p.59), pois estamos continuamente em guerra, “somos forçosamente adversários de alguém”, não há neutralidade.

Raul Seixas²⁴, em sua canção *Eu sou egoísta*, refere-se exatamente a isso: “eu sei (...) que a guerra é produto da paz”.

Outro exemplo desse aparecimento de uma racionalidade governamental que tem por horizonte o planeta inteiro: os projetos de paz e de organização internacional no século XVIII (FOUCAULT, 2008b, p.77).

A paz perpétua é garantida pela natureza, e essa garantia é manifestada pelo povoamento do mundo inteiro e pela rede das relações comerciais que se estendem através de todo o mundo. A garantia da paz perpétua é portanto, de fato, a planetarização comercial (*op.cit.*, p.80).

Edson Passeti, ao rever os conceitos de Foucault, esclarece que:

A política como guerra prolongada por outros meios afirmou-se nas democracias por meio do princípio de amizade transcendental pelo povo ou humanidade, atuação em parlamentos e partidos que elegem a todos como inimigos (sabendo que a coalizão é apenas parte de um interesse circunstancial) (PASSETI, 2005, p.132)

²³ Carl von Clausewitz, *Histerlassene Werke*, Berlim, 1832: “A guerra não é mais que a continuação da política por outros meios; não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento da política, seu prosseguimento por outros meios”.

“(...) inverteríamos a proposição de Clausewitz e diríamos que a política é a guerra continuada por outros meios”. Isso significaria três coisas:

(i) A política é a guerra continuada por outros meios, as relações de poder, tais como funcionam numa sociedade como a nossa, têm essencialmente como ponto de ancoragem uma certa relação de força estabelecida em dado momento, historicamente precisável, na guerra e pela guerra.

(ii) Todo o sistema político no interior dessa “paz civil”, deveria se interpretado como continuação da guerra. Sempre se escreveria a história dessa mesma guerra, mesmo quando se escrevesse a história da paz e de suas instituições.

(iii) A decisão final só pode vir da guerra, ou seja, de uma prova de força em que as armas, finalmente, deverão ser juízes. O fim do político seria a derradeira batalha (FOUCAULT, 1999, p.22-27) (negritos meus).

²⁴ Raul Seixas (1944 – 1989). Músico e compositor brasileiro. “Se você acha que tem pouca sorte, se lhe preocupa a doença ou a morte, se você sente receio do inferno, do fogo eterno, de Deus, do Mal... Enquanto eu sou estrela do abismo do espaço, o que eu quero é o que eu penso e o que eu faço, onde eu to não há bicho-papão. Eu vou, sempre avante no nada infinito, flamejando meu rock, meu grito, minha espada é a guitarra na mão. Se você quer dessa vida só paz, muitas loucuras, seu nome em cartaz e fica arretado se o açúcar demora e você chora, você reza, você pede, implora, enquanto eu provo sempre o vinagre e o vinho, eu quero ter tentação no caminho, pois **o homem é o exercício que faz**. Eu sei, sei que o mais puro gosto do mel é apenas defeito do fel e **que a guerra é produto da paz**”[□]. Raul Seixas, *Eu sou egoísta*, 1975. Álbum Novo Aeon. Negritos meus.

Para Foucault (1999, p.70), nossa sociedade é dividida de modo binário por uma guerra que “se desenrola assim sob a ordem e sob a paz”, uma guerra que é para ele “no fundo, a guerra das raças”. Essa luta de raças se inscreve, primeiramente, no âmbito da biologia, mas, no início do séc. XIX, vê-se o surgimento da guerra social, aquela “que vai tender a apagar todos os vestígios do conflito de raça para definir-se como uma luta de classe” (*op.cit.*, p.72) e que favorecerá o desenvolvimento de um “racismo biológico-social”. “Fratura binária na sociedade”, “desdobramento de uma única e mesma raça” em “super-raça e sub-raça”, “racismo interno”: esse seria o “Racismo de Estado” (*op.cit.*, p.72-73), fundamento da normalização social. A primeira função do racismo seria “fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder” (*op.cit.*, p.305), qualificar “certas raças como boas” e outras, como “inferiores”. A segunda função seria a justificativa do extermínio de uma raça como condição de sobrevivência e/ou bem-estar da outra:

“quanto mais você matar, mais você fará morrer”, ou “quanto mais você deixar morrer, mais, por isso mesmo, você viverá”.

(...) A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (FOUCAULT, *op.cit.*, p.305).

A equipe da TABA, por estar em contato com a “raça desfavorecida”, a chamada “sub-raça”, é obrigada a lidar cotidianamente com a angústia e o medo que esta realidade acarreta:

Eu tenho medo dos outros ganharem a parada. Que é assim: há um sistema que ganha muito dinheiro e que mata esses meninos. Vamos dizer, política pública, instituições. Campinas tem instituições que recebem verba há anos, muita verba e eles têm um poder... Então eu tenho medo desse poder institucionalizado, dessas instituições que se denominam especialistas e donas da área (**Ricardo, psicólogo, jan.2008**).

Então, esse é um dos medos, de algum dia, alguém me ligar: "Olha, fulano veio a óbito". Acho que é um dos medos que eu tenho (**Rosana, psicóloga, dez.2007**).

Numa “sociedade de normalização” (FOUCAULT, *op.cit.*), ou seja, num “sistema do biopoder”, é admissível tirar a vida sob o pretexto da “eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça” (p.306). Foucault especifica que tirar a vida vai muito além do “assassínio direto”, mas supõe exposição à morte, intensificação “para alguns do risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a

expulsão, a rejeição, etc”. Este racismo moderno depende de um Estado que “é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano”.

A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza (FOUCAULT, 1999, p.309)

São mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros. (FOUCAULT, 1980, p.130)

2.4. ONGs enquanto “Máquinas de Guerra” e “Aparelhos de Estado”

A máquina de guerra seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, a irrupção do efêmero e potência da metamorfose. Desata o liame assim como trai o pacto. Faz valer um furor contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho. (...) Dá provas, sobretudo, de outras relações com as mulheres, com os animais, pois vive cada coisa em relações de devir, em vez de operar repartições binárias entre “estados”: todo um devir-animal do guerreiro, todo um devir-mulher que ultrapassa tanto as dualidades de termos como as correspondências de relações. Sob todos os aspectos, a máquina de guerra é de uma outra espécie, de uma outra natureza, de uma outra origem que o aparelho de Estado (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.13).

A princípio havia um grupo de adolescentes querendo se encontrar, compartilhar um espaço e um tempo onde poderiam conversar sobre sexualidade, sobre suas dores, sua vida, sua história. “Máquina de guerra”, “multiplicidade pura e sem medida”, “irrupção do efêmero”, “potência de metamorfose”.

E eis que uma ONG se faz. Estatutos, normas e leis, necessidade de regras institucionais e jurídicas para poder captar recursos e continuar oferecendo aquele espaço/tempo para os adolescentes.

Isso tem ocorrido com os mais diversos movimentos sociais, partidos políticos e agrupamentos humanos que, para conquistarem seus objetivos, oscilam entre a “multiplicidade pura e sem medida” da criação, das idéias, da potência de fazer algo e a inevitável “captura” que os órgãos públicos, as atas, as leis e contratos acabam operando em tais agrupamentos.

Deleuze e Guattari, (1997, p.12 e p.112), a partir do conceito de aparelho de captura de Dumézil apontam o Estado como transformador de signos, organizador de campos, inventor de direitos, impositor de disciplina para subordiná-la a fins políticos. Os autores analisam

exaustivamente a formação do “Aparelho de Estado” em oposição ao que eles chamam de “Máquina de Guerra nômade” e atribuem a denominação de “espaço estriado” ao primeiro e de “espaço liso” ao segundo²⁵. O Estado se apropria da máquina de guerra e faz com que esta funcione a serviço dele:

Conversor e capturador, o Estado não só relativiza o movimento, mas torna a produzir movimento absoluto. Não só vai do liso ao estriado, mas reconstitui um espaço liso, torna a produzir liso ao final do estriado (DELEUZE e GUATTARI, *op.cit.*, p.61).

Será que o movimento de passagem da condição de Movimento Social (ou, no caso da TABA, grupo informal de adolescentes querendo se encontrar) à formação de uma ONG já constituiria o atestado de óbito dos ideais que a fizeram nascer pelo próprio fato de as ONGs serem um produto do Estado Neoliberal? Muitos acreditam que sim. Captura, domínio velado, hipocrisia, fábrica de miséria.

Embora o surgimento e desenvolvimento de ONGs e instituições ocorressem de maneira desvinculada do aparelho de Estado, é fato que estas hoje dependem quase exclusivamente dele para sobreviver. Qual seria a vantagem dessas parcerias e alianças? De que maneira, todo esse movimento civil em relação ao terceiro setor tem sido capturado pelo Estado no sentido de permitir que se tenha a ilusão de estar criando algo novo, quando, na verdade, é ele o aparelho de Estado, que se isenta de pagar salários justos aos profissionais da área social? Mas já vimos²⁶ que a própria sociedade civil não passa de um produto do liberalismo.

O Estado estaria, então, relativizando o movimento dessas instituições paralelas ao compromisso social, relativizando sua própria ausência e reconstituindo e estriando o espaço ao produzir um espaço liso no final do estriado para melhor capturar e se apropriar dessa máquina de guerra (a ONG), ou seja, se utilizando dos “espaços lisos como um meio de comunicação a serviço de um espaço estriado”(op.cit., p.59)?

²⁵ Para Deleuze e Gattari (1997. p.179-214), o espaço liso e o estriado, muito além das ambigüidades que evocam, “só existem de fato graças às misturas entre si”, onde um se traduz e se reverte no outro, mas os autores não descartam “um número de modelos” de “aspectos variáveis entre eles”. Assim, associam o espaço liso ao nômade, aos acontecimentos, aos afetos, ao devir, à ação livre, ao intensivo, ao corpo sem órgãos, às qualidades tácteis e sonoras ao passo que o espaço estriado se caracteriza pelo sedentário, pelas coisas formadas e percebidas, às propriedades, pelo extensivo, pelo trabalho, pelo organismo, pelas qualidades visuais mensuráveis.

²⁶ Ver Cap. 2.2.

Quando e como esta “Máquina de Guerra” enquanto movimento social é apropriada/capturada pelo modelo sedentário, mensurável, grave, soberano do “Aparelho de Estado”? Qual a saída?

(...) as máquinas de guerra têm uma potência de metamorfose, pela qual elas certamente se fazem capturar pelos Estados, mas pela qual também elas resistem a essa captura e renascem sob outras formas, com outros “objetos” que não a guerra (a revolução?) (DELEUZE e GUATTARI, op.cit., p.129).

3: A TABA

*Era uma casa, muito engraçada,
não tinha teto, não tinha nada.
Ninguém podia entrar nela não,
porque na casa não tinha chão.
Ninguém podia dormir na rede
porque na casa não tinha parede,
ninguém podia fazer pipi.
Porque pinico não tinha ali.
Mas era feita com muito esmero
na rua dos bobos número zero
(Vinícius de Moraes, A casa)*

3.1. O olhar

A TABA²⁷, organização-não-governamental situada na cidade de Campinas-SP, surgiu exatamente neste panorama de guerra e paz, liberdade e medo, solidariedade e racismo de Estado. Nasceu a partir das demandas de alguns adolescentes de periferia, em busca de um espaço/tempo onde pudessem conviver e lutar pelos seus direitos, principalmente, sexuais — e também, de certa forma, se proteger do olhar soberano da sociedade capitalista e suas instituições de normalização e enquadramento.

Eu estou na TABA desde o início. Eu sou um dos fundadores, ela começa lá atrás há doze anos e ela começa porque um grupo de adolescentes quer continuar se encontrando, e aí ela nasce. E aí, ela se estrutura. E ela tem isso na idéia de que é um espaço... que a gente acredita que a nossa metodologia – se é que a gente pode chamar disso – é a convivência, é na convivência que se reestrutura algumas coisas.(...) a TABA já esteve quase uns dois, três anos praticamente fechada - porque de fato a TABA pode ser um lugar de trabalho profissional de muitas pessoas, mas as pessoas precisam vir para cá, pegar, como a Angélica fez nesses dois, três últimos anos e aí, ela acontece, né? Então, ela depende das pessoas que estão aqui e do pique das pessoas que estão aqui. **(Ricardo, diretor e fundador da TABA, jan. 2008)**

Meninos e meninas de rua, adolescentes em exploração sexual comercial, vítimas de abusos sexuais domésticos, enfim, seres que, segundo Foucault, se encaixariam na “sub-raça” que o Estado Liberal criou: Racismo de Estado, extermínio justificado em nome da “limpeza da sociedade”, “raça ruim”.

²⁷

Ver Anexo C

Denominada como espaço de vivência e convivência, a TABA agrega as mais variadas tribos:

Da tribo dos adolescentes, a gente tem os adolescentes carimbados como ESCCA que estão hoje vivendo e convivendo com o mercado sexual; temos os adolescentes, alguns meninos, carimbados, nomeados como autores de violência sexual; temos adolescentes do projeto Jovem.Com, que são adolescentes que estão na escola, mas também já temos adolescentes com LA, que estão no limite entre um caminho ou outro. **(Ricardo, diretor e fundador da TABA, jan. 2008)**

Acima e além dos sofrimentos e provações pelos quais, certamente, passaram (e continuam a passar), os adolescentes circulam pela TABA alguns tímidos, mais fechados, outros descontraídos, brincalhões:

De todos os lugares que frequentei, o que mais fiquei ligada é a TABA. Eu venho aqui todo dia, é a minha segunda casa, não tem como descrever, eles acolhem muito bem a gente, são sempre sorridentes, mesmo quando a gente enche o saco. (risos)

Tudo de positivo, tudo! O que você precisar é só vir aqui.

E as diferenças aqui dentro, o jeito das pessoas dos educadores, dos adolescentes, são mínimas, eles educam de uma forma mais amiga.

Eles não se colocam, não que eles não se dão o respeito, tem o respeito, mas não é aquela coisa de: “eu sou o educador você tem que me respeitar”, etc. É muito amigo, você não tem muito tabu de falar com eles, é super divertido **(Adolescente 1, jul. 2008)**

Adriana: Dê seu depoimento sobre a TABA. Com palavras, não com imagens.

Adolescente 2: Inexplicável. Não tem o que falar da TABA.

Adriana: Por quê?

Adolescente 2: Porque aqui é ótimo.

Adriana: O que você acha da TABA?

Adolescente 2: Ótimo, maravilha.

Adriana: E o que você sente quando você está aqui?

Adolescente 2: Muito bom eu saber que eu estou participando e ajudando um programa social.

Adriana: Você é educador?

Adolescente 2: Sim, da parte de informática.

Adriana: Ah! Legal! **(dez. 2007)**

A TABA atende também um grupo de mães que se reúnem semanalmente numa oficina de costura e artesanato, onde, entre fios, agulhas e retalhos de tecidos, compartilham suas histórias:

Adriana: Dona C., fala para a gente, como que é assim esse lugar aqui para a senhora? O que a senhora acha?

Mãe 1: Ah! Eu acho legal, sempre achei legal, desde o dia que eu entrei aqui.

Adriana: Faz tempo que a senhora vem aqui?

Mãe 1: Vai fazer dois anos.

Adriana: Dois anos, e a senhora vem todo dia quase, não é?

Mãe 1: Eu só faltei um dia.

Adriana: É?

Mãe 1: Mas, sempre eu passo para ver ela.

Adriana: A filha, a filhota.

Mãe 1: É. Que aqui é um sossego. Você não pintou do lado errado? (**dez. 2007**)

Adriana: Faz tempo que você vem aqui?

Mãe 2: Ah! Está com, acho que está com uns três meses.

Adriana: Três meses?

Mãe 2: Eu dei uma parada num mês e retornei agora.

Adriana: E como que é estar aqui?

Mãe 2: Ah! É divertido, é descontraído, é gostoso, a gente aprende bastante coisa. Tanto aprende como ensina. Então, é um ambiente bom, é a mesma coisa de estar em casa.

Adriana: Legal (**dez. 2007**).

Adriana: Só falar como é que é vir aqui. Que sente quando está aqui?

Mãe 3: Ah! Eu sinto bem um ambiente agradável, que a gente pode passar momentos assim distraindo a cabeça, em vez de estar pensando coisa que não tem criatividade e aprendendo, tendo vontade de aprender mais e mais.

Adriana: Você tem filho que frequenta também a TABA?

Mãe 3: Não tenho, mas ele está curioso querendo ver se ele vem também, se ele participa. Não sei se para a idade dele compete com a turminha daqui. É legal, falei para ele que é "massa" isso aqui, viu?

Adriana: Está bom, obrigada.

Mãe 3: Nada (**dez. 2007**).

Capturada, maravilhada com essa tribo que tão carinhosamente me acolheu, escrevo um artigo apaixonado para apresentar num congresso sobre juventude²⁸. Segue um trecho:

Indo a favor das demandas da população que atende, a TABA é diferente. Organização Não Governamental, a TABA não é uma organização e nem tampouco uma desorganização; em termos guatta-deleuzianos²⁹, eu diria que a TABA é uma linha de fuga, multiplicidade de dimensões, linhas e direções.

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.12).

Uma taba, para os índios, é o conjunto de casas, de ocas. Casas/escolas/instituições. A TABA é tudo e também não é nada disso.

Uma outra dimensão em que todos se sentem acolhidos, amparados, aceitos pelo que são e, de certa forma cobrados, na presença e participação, chamados à compartilhar o potencial que possuem com a “tribo”.

Há um espaço e um tempo que só pertencem à TABA, que subvertem o lugar e a hora do mundo que nos cerca, do sistema, da sociedade, da mídia. Um espaço/tempo mais próximo da natureza, dos sentimentos, da vida verdadeira. Um espaço que é o aqui, entre mesas desenhadas, biombos enfeitados, bancos que precisam de equilíbrio e cumplicidade para serem divididos, uma cozinha embaixo da escada, uma biblioteca atrás da divisória e um escritório que é compartilhado pela tribo dos educadores. Um tempo que é o agora, Ayon, conectado a Chronos³⁰ e nem por isso seu cativo.

Um tempo que permite que cada um expresse sua própria verdade em seu ritmo, um espaço/tempo em que as diferenças são respeitadas e a individualidade de cada um migra para o campo das características pessoais, sem perder de vista o coletivo. Algo que se aproxima da concepção mais transversalista da subjetividade guattariniana que seria “menos uma identidade de ser” e mais uma “entidade transversal” (GUATTARI, 1992, p.138-139).

²⁸ FERNANDES, Adriana Dezotti. **Taba: uma ONG que funciona**. Texto apresentado no III Jubra: Congresso Internacional da Juventude Brasileira. Goiânia, junho de 2008. Esse texto mostra com clareza o grau de envolvimento emocional que caracterizou meu primeiro ano na TABA.

²⁹ Quero designar aqui a produção de conhecimento da dupla francesa: Gilles Deleuze e Félix Guattari.

³⁰ Para Deleuze, Aiôn: « (...)c'est le present sans épaisseur, le present de l'acteur, du danseur ou du mime, pur "moment" pervers. C'est le present de l'opération pure, et non de l'incorporation. Ce n'est pas le present de la subversion ni celui de l'effectuation, mais de la contre-effectuation, qui empêche celui-là de renverser celui-ci, que empêche celui-ci de se confondre avec celui-là, et qui vient redoubler la doublure”. DELEUZE, Gilles. **Logique du Sens**. Paris: Minuit, 1969. p.197.” (...)é o presente sem espessura, o presente do ator, do dançarino ou do mímico, puro “momento” perverso. É o presente da operação pura, e não da incorporação: Não é o presente da subversão nem o da efetuação, mas da contra-efetuação, que impede aquele de derrubar este, que impede este de se confundir com aquele e que vem redobrar a dobra.” DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.173.

3.2. O despertar

Mas há toda uma dinâmica, uma trama, uma política que envolve as Organizações-Não-Governamentais, o Terceiro Setor, a sociedade civil, o Estado e, conseqüentemente, a TABA. Qual seria, portanto, a posição que a TABA ocupa nesse cenário?

Após um (longo) primeiro momento de encantamento com a TABA e suas ações, deparei-me com a realidade de que a maioria dos recursos que mantinham a folha de pagamento e, conseqüentemente, que asseguravam a sobrevivência da TABA, vinham da prefeitura, ou seja, do Estado soberano enquanto representação de poder e domínio.

Porque, afinal de contas, essas tecnologias gerais de poder que procuramos reconstituir passando fora da instituição, será que afinal elas não estão na dependência de uma instituição global, de uma instituição totalizante que é, precisamente, o Estado (FOUCAULT, 2008a, p.159)?

(...) o Estado não é um monstro frio, é o correlato de uma certa maneira de governar (FOUCAULT, 2008b, p.9).

Estado, sociedade civil, instituições: será preciso mergulhar em todos esses conceitos para poder compreender as relações que a TABA estabelece consigo e com seus parceiros financiadores?

Foucault (op.cit., p.4-6), propõe que se abandone algumas noções como “o soberano, a soberania, o povo, os súditos, o Estado, a sociedade civil”, as quais, para ele, não passam de “universais que a análise sociológica, assim como a análise histórica e a análise da filosofia política, utilizam para explicar efetivamente a prática governamental”. Ao invés disso, propõe “partir dessas práticas concretas e, de certo modo, passar os universais pela grade dessas práticas”, “para indagar que história se pode fazer”. Para ele, o Estado é “ao mesmo tempo o que existe e o que ainda não existe suficientemente” e a “razão de Estado é precisamente uma prática, ou antes, uma racionalização de uma prática que vai se situar entre um Estado apresentado como dado e um Estado apresentado como a construir e a edificar”. Foi, pois, “a partir de uma nova tecnologia geral de governo dos homens que o Estado adquiriu a forma que conhecemos”(FOUCAULT, 2008a, p.162).

E já é muito singular estar na terra, ter que viver, ter que morrer, ter que se reproduzir, ter que se situar no mundo sem ficar prestando contas para o Estado, sem depender dele para saber como pensar, como falar, como transar. Estaremos expostos ao risco de haver uma separação total entre os processos de singularização existencial e todas essas estruturas enormes, pesadas, militarizadas, armadas, que organizam o campo social. E aí, sem dúvida, seremos obrigados a inventar uma nova lógica, uma nova pragmática que permita às verdadeiras energias de mudança, de transformação processual, criarem dispositivos que atinjam essa espécie de barbárie e de estupidez que faz a gestão de nossas sociedades. Esses, para mim, são os maiores problemas dos dias atuais (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p.174-175).

Esqueçamos que o espaço é uma ONG, poderia ser uma Igreja, uma família, uma escola, um clube, uma pousada terapêutica, uma comunidade alternativa. Libertemos nosso olhar dos chavões e preconceitos em torno das instituições. Para Foucault (2006a, p.19-21), o importante

(...) não são as regularidades institucionais, mas muito mais as disposições de poder, as redes, as correntes, as intermediações, os pontos de apoio, as diferenças de potencial que caracterizam uma forma de poder (...) que são precisamente constitutivos ao mesmo tempo do indivíduo e da coletividade.

Para ele, o perigo de falar em instituições é falar de “indivíduo”, de “coletividade” e das “regras que as regem” e, a partir daí, “todos os discursos psicológicos ou sociológicos” podem se precipitar. Por isso, ele preferiu, ao invés de “falar de instituição”, buscar “as táticas que são postas em ação nessas forças que se enfrentam” (op.cit).

O mais importante (e urgente) no momento é, como afirmam Félix Guattari e Suely Rolnik na citação acima, é criar “dispositivos”, formas de agir, que possam frear e extinguir “essa espécie de barbárie e de estupidez que faz a gestão de nossas sociedades”. Quais seriam, portanto, esses dispositivos?

3.3. Educadores nômades e sedentários

O homem aqui consente, sem combate, à sua força e a seu nada. Não exige da forma a afirmação de um ideal determinado (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.98).

A dupla Deleuze/Guattari (op.cit., p.98-99) traz a noção de espaço esburacado, por onde transitaria o metalúrgico/ferreiro, cavando, esburacando, esculpindo paredes e pedras. Aquele que não é nem “nômade entre os nômades e nem sedentário entre os sedentários” e que é “duplo: um

híbrido, uma liga, uma formação gemelar”, aquele que se relaciona com os outros através “de sua itinerância interna, de sua essência vaga”.

Em que sentido uma ONG poderia estar na posição do ferreiro, do “metalúrgico híbrido, fabricante de armas e ferramentas, que se comunica ao mesmo tempo com os sedentários e com os nômades” (op. cit.), cumprindo o papel de ser essa liga ou de fazer uma ponte, estabelecendo relações entre o Aparelho de Captura e as Máquinas de Guerra?

Como manter tal essência vaga, itinerante? Cavando, esburacando, criando brechas: “Índia metalúrgica. Trespassar as montanhas ao invés de galgá-las” (op. cit., p.98).

O depoimento abaixo retrata bem a ambigüidade de dois profissionais da TABA, e a solução “à la ferreiro-liga” que encontraram para transitar entre o mundo das “Instituições que acolhem e protegem” e o mundo dos Meninos de Rua, formando uma ponte entre o Aparelho de Captura e a Máquina de Guerra, nômades e sedentários:

As situações que mais me causaram medo foram duas. Teve um dia em que vieram vários meninos de rua, tinham muitos meninos pequenos, tinha um, inclusive que tinha cinco anos. Eles tinham evadido de um abrigo e um que conhecia a TABA veio e trouxe os meninos e só estava eu, o educador, que era jovem também, e aí, ele trouxe a questão: "Olha, Rosana os meninos estão aí e eu não sei o que eu faço". E aí eu desci, eu lembro que era época de mês das crianças, tinha bexiga, pipoca, então eu levei para eles. Eu tinha que notificar o abrigo que aqueles meninos estavam aqui e eu não podia deixar eles saírem. Então, o que eu fiz? A gente trancou a porta e eu fui tentando antes disso, sem eles perceberem, a gente foi dando bexigas, as pipocas que tinha, conversando com eles e teve um momento que eu deixei o educador com eles, subi correndo, liguei no abrigo, e falei “os meninos estão aqui”. Eu fiquei muito apavorada, porque ao mesmo tempo que eu queria proteger me sentia culpada porque eu estava traindo os meninos. A gente nunca fez isso, de trancar a porta e chamar para vir apreender os meninos, mas como tinha dois ou três muito pequenos, não podia também largar na rua. E aí, foi uma situação muito tensa porque um deles, que era o L., eu não lembro, ele estava muito agressivo, ele acabou quebrando o vidro da porta e aí eu fiquei morrendo de medo que eles pegassem aquele vidro e viesse para cima da gente, ou machucasse um dos meninos pequenos. Foi uma situação assim de pânico, que eu fiquei muito perdida, a gente estava em poucas pessoas e aí a gente acabou abrindo a porta e eu fiquei somente com o menorzinho de todos. Os outros falaram: "Ele fica". Eles até protegeram os meninos, “a gente vai embora”, eles foram embora e deixaram o pequeno (**Rosana, psicóloga, dez.2007**).

Na verdade, já vivi várias situações de tomar enquadro com a molecada na rua, mas não fui revistado. Já fui na viatura com molecada para Conselho Tutelar, para... primeiro que é para proteger eles, né? Por que se eles fossem sozinhos, iriam tomar uns “cascudos”. Então, fui eu e minha parceira, que na época era a F.. A gente entrou na viatura e fomos todo mundo: “Então, vai levar? Vamos todo mundo junto.”.

Não era um medo, mas eu sabia que alguma coisa podia acontecer. Era a Guarda Municipal de Campinas e com certeza eles iriam dar um chacoalhão ou abalar

psicologicamente a molecada, aterrorizar. Então, a gente ficou ali para... não ia impedir, mas pelo menos ia dificultar, que eles fizessem alguma coisa na nossa frente. Mas, isso, eu não tive medo, assim, mas eu fui pra tomar conta, prá cuidar deles. Não ia fazer nada, não tinha nenhum poder sobre aquela situação. Mas, eu tava ali como testemunha daquela situação. Então, eles não iam fazer nada. (Ademir, educador social, dez. 2007)

3.4. As brechas cartografadas

Silvio Gallo, (1995, p.229) aponta que "o capitalismo é um sistema elástico" e que esta elasticidade nos traz a impressão enganosa de que o Estado Capitalista seja menos duro que os Estados anteriores. O que ocorre, na verdade, é que o capitalismo aparentemente acolhe as "dissidências singulares", as novas particularidades que eventualmente possam brotar dos núcleos de resistência, mas isso é uma máscara de liberdade, pois tal atitude visa somente "alargar seus limites" e "absorver as dissidências". Como uma sogra que, ao invés de se chocar diretamente com a nora, simula amizade e afeição, para incorporá-la ao domínio e à manipulação já exercida sobre o filho.

Este constitui, portanto, o perigo do capitalismo: apropriando-se da própria capacidade de ser criativo, que, a princípio, era característico à linha de fuga, ao nômade, ao revolucionário, o capitalismo utiliza as próprias armas da resistência a seu favor. Observa-se, assim, a moda hippie nos shoppings-centers, os esportes de aventura, o turismo ecológico, os hiper-modernos restaurantes vegetarianos, as boutiques punks, o hip-hop da novela, a novela da favela — formas de abduzir as resistências. Reterritorializações artificiais frutos de perversas desterritorializações.

Qual é a maneira, portanto, de se administrar uma ONG mantendo uma posição de autonomia e fidelidade aos princípios éticos que a norteiam e, ao mesmo tempo, desenvolver um "jogo de cintura" de forma que tais princípios não prejudiquem a captação de recursos, já que, sem os recursos, tal instituição não sobrevive? Segue a transcrição de um trecho da reunião de equipe na TABA no dia 04/11/08, capaz de retratar bem esses momentos de impasse que as ONGs enfrentam no seu cotidiano:

Kelly: Só pra deixar menos desconforto porque me incomoda muito escutar isso. Tem um monte de coordenador que faz captação de recursos nas instituições, mas é um pouco diferente de ser conivente, de apoiar de aceitar esse movimento todo. Conheço pessoas que claramente não assumem posições políticas para não afetar a captação de recursos, é uma grande maioria: "ah, não, a gente não vai se posicionar,

porque isso vai dificultar nossa captação de recurso”. (...). E nisso eu fico muito tranqüila, porque eu sei que aqui a gente tem um posicionamento político e que a captação de recurso não vai alterar isso.

Angélica: Nós perdemos dinheiro da prefeitura por conta disso. Quando eu cheguei em Brasília e fui representar a Taba³¹, num determinado momento numa mesa a gente começou a discutir, e eu vim muito chateada porque nós perdemos uma parceira naquela hora. Eles começam fazer uma apologia de retaliação do atendimento do autor de violência sexual e eu perguntei qual o papel do autor: “Na minha instituição eu sou obrigada a atendê-lo porque as políticas públicas não dão conta”. O povo levantou e me aplaudiu de pé. E o Ricardo veio de Manaus, e falou: “Perdemos uma parceria por sua causa”. Eu tenho certeza, clareza de que era o momento adequado. Você tem que pensar o que você vai falar por aí. A discussão era aquela que o cara tinha que ser preso, tinha que pegar o cara, tinha uma outra debatedora que dizia que as meninas dão mole mesmo pros caras, que elas provocam, essa história das roupas, etc. A gente tinha uma controvérsia que não sabia o que fazer. Isso foi uma historia que aconteceu aqui dentro da TABA. A gente teve que ligar pra assistência social e perguntar “Onde coloco esse menino?”. Eles falaram, a gente não tem onde colocar esse menino, pois ele é inadequado; e aí o aliciador disse: “pode deixar que eu levo, não tem onde colocar, eu cuido dele”. Gera um desconforto, este nosso posicionamento aqui. Eu nem sei se a taba não tem dinheiro por causa disso, mas até quando vou ficar quieta? Até quando vou ter que fazer esse papel? Porque o pessoal falou que adora a igreja católica, onde a TABA tem participação no movimento eclesial de base. Mas a TABA se contrapõe a toda Igreja por conta da posição deles em relação aos direitos da criança e do adolescente (...) a questão da distribuição de camisinhas (...).

E como vou chegar na Secretaria dos Direitos Humanos e vou falar mentir pros caras, passar a mão na cabeça?

É foda, dinheiro é que nem aquele filme *O advogado do diabo*, você vai se corrompendo (...).

Estamos escrevendo um projeto com todo o cuidado, porque precisamos de um mínimo de dinheiro, mas também um mínimo de decência, um mínimo de ética da instituição.

Para quem tem ideal político e social a gente sobrevive.

Aqui não tem dinheiro. Não adianta querer isso aqui, tem que ter ideal político.

Venda a alma pro diabo mesmo.

Tião: tudo se resume à ética: “Eu me fodo mais eu não mudo de opinião”. Porque eu mudei quando eu contei minha história. É o que tem demais aqui.

Chegar ao ponto de se prejudicar financeiramente pra manter sua visão e seu (...) social, isso não tem preço.

As pessoas que passam por aqui e conseguem ver isso, é uma sementinha...

Vai demorar 200 anos, mas vamos manter nossa posição ética.

As atitudes você tem que ver o que norteia a ética da pessoa, mas é igual ela falou, é muito importante, se for escolher o parceiro a gente não vai ter dinheiro.

Kelly: As empresas não são parceiros, são alianças estratégicas porque a gente não compartilha dos mesmos objetivos; parceiro tem o mesmo objetivo.

³¹

II Seminário Nacional Interdisciplinar sobre Violência contra mulher adolescente/jovem. Brasília de 29-31/08/07.

Talvez seja exatamente nessa tensão entre a captura e o exercício da autonomia que uma ONG, uma família, uma escola ou qualquer outro agrupamento humano poderia ir se constituindo e se singularizando, encontrando brechas na Sociedade Mundial de Controle, peixe “bagre” liso, escorregadio, escapando, esgueirando-se à cristalização, num estado contínuo de *Metamorfose Ambulante*³², sempre com novas micropolíticas, reafirmando continuamente o compromisso com os ideais que a fizeram nascer, as Máquinas de Guerra, potência de vida e criação. E quem sabe até, à maneira do Estado Capitalista elástico e criativo, utilizar-se dos recursos financeiros deste como arma a seu favor? Uma ONG que escapa à subjetividade católica, religiosa, moral, que não está “à mercê do sistema capitalista”, que não tem medo de fechar projetos e se arriscar em nome da autonomia:

A maioria das ONGs que a gente conhece tem um cunho religioso muito grande.

Tem a questão de estar à mercê do sistema capitalista, à mercê daquele que paga e que financia, o rabo fica muito preso e se acaba vivendo só daquilo, seja uma prefeitura, seja o Estado ou o federal seja quem for que esteja de alguma forma financiando. Acaba por conta disso tendo que rezar a cartilha na íntegra. E muita vezes a instituição não se sustenta na sua teoria e na sua prática para poder ir para um enfrentamento. Isso eu não concordo. Porque se ela falar “eu to fora!” ela fecha as portas que aqui a gente fica na berlinda. Aqui eu acho porque é muito tranquilo chegar e falar.(...)

A TABA não tem esse medo de fechar projetos momentaneamente e isso é a grande diferença que faz realmente a gente gostar daqui.

Aqui, mais é o tratamento, o objetivo, é um trabalho com pessoas de vários níveis, uma coisa que não é muito o lado financeiro, o lado de você se doar, ver as pessoas fazerem muito em troca de nada, só das pessoas crescerem...

(Valéria, assistente social, jul. 2008).

Uma ONG que “não se rende”, que não faz o jogo do neoliberalismo, que não se utiliza da pobreza para sobreviver:

Trabalhar lá é bacana, um lugar agradável, assim. O espaço físico é meio limitado. Mas, é um lugar agradável, um lugar tipo você tem liberdade de trabalhar, trazer as suas idéias, assim. (...) É bacana. É tão legal, que tipo, assim, o programa tá até com problema de verba. É uma ONG que não se rende. Igual as outras aí, ficam fazendo o jogo deles ali só para (...) É uma ONG tipo, assim, a TABA não quer sobreviver da pobreza. Igual as outras, as outras investem na pobreza para poder colher os frutos dali **(Fred, educador social, maio, 2008).**

³²

Referência à música *Metamorfose Ambulante* de Raul Seixas, 1973. Álbum Krig-há,Bandolo,

4. PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

*Porque a televisão me deixou burro, muito burro demais.
Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais.
(...) Ó cride! Fala pra mãe que tudo que a antena captar meu
coração captura
Vê se me entende pelo menos uma vez, Criatura!
(Televisão. Marcelo Fromer, Tony Belotto, Arnaldo
Antunes)³³*

4.1. A subjetividade capitalística³⁴

Para Guattari e Rolnik (2005, p.43) a subjetividade se caracterizaria por um entrecruzamento de “múltiplos componentes”, alguns inconscientes, outros corporais, “outros são mais no domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de “grupos primários” (o clã, o bando, a turma) e outros “do domínio da produção de poder” (lei, polícia e instâncias do gênero). Os autores acreditam que exista “uma subjetividade ainda mais ampla”: a “subjetividade capitalística”.

Quando falo em “processo de subjetivação”, de “singularização”, isso não tem nada a ver com o indivíduo. A meu ver, não existe unidade evidente na pessoa: o indivíduo, o ego ou a política do ego, a política da individuação da subjetividade são correlativos de sistemas de identificação os quais são modelizantes (op.cit., p.47).

Para os autores, o indivíduo e seus respectivos agrupamentos seriam então “atravessados” por tais componentes de subjetividade que resultariam em modelos de pensamento, de crenças, de atitudes, de comportamento, “sistemas de identificação” determinando a política da individuação da subjetividade.

Suely Rolnik esclarece que, segundo Deleuze e Guattari:

³³ Gravada pelos Titãs, 1985, álbum Televisão.

³⁴ “A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se transa, como se fala, e não pára por aí. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é ‘a’ ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social organizada” (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 51).

(...) a subjetividade (...) não é dada; ela é objeto de uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras de subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais (ROLNIK, 2000, p.453).

Então, refletindo a partir dessa citação, temos “os processos de individuação ou de subjetivação” que constituiriam um contínuo vir-a-ser de um sujeito que não é previamente constituído ou portador de uma essência, mas que se faz e se refaz, se constrói, se reformula, à medida que é atravessado por “conexões entre fluxos heterogêneos”, ou seja, momentos de encontros e convivência entre ele, as pessoas, a sociedade, o mundo que o rodeia, seus desejos e impressões deste mundo. O indivíduo seria, portanto, uma resultante de tudo que “o atravessa”, sejam experiências, palavras, afetos, imagens na TV, músicas do rádio, códigos morais explícitos e implícitos de comportamento da micro e da macro sociedade à qual pertence, que constituiriam os “agenciamentos coletivos e impessoais”.

Para Deleuze e Guattari (1995, p.11) é preciso “não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU”.

Deleuze (1992, p.140-141) diz que, para Foucault, “a subjetivação é uma operação artista que se distingue do saber e do poder, e não tem lugar no interior deles”, um poder exercido “sobre si mesmo” à maneira dos gregos que “inventaram, em política (e em outros campos), a relação de poder entre homens livres: homens livres que governam homens livres”.

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção do sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2006a, p.291).

Para Foucault essas tais “práticas de sujeição ou “práticas de si” (op. cit., p.276) não são inventadas pelo sujeito, mas constituem antes algo que é “proposto, sugerido, imposto pela sua cultura, sua sociedade, seu grupo social”.

Segundo Vera Portocarrero (2009, p.55), é possível para Foucault entrever “um novo campo de invenções” em que se vislumbra um “sujeito ético de ação, pela experimentação no

pensamento”, um sujeito dotado de “capacidade e coragem de elaborar sua própria subjetividade”: produção de subjetividades como cuidado de si.

4.2. Novas formas de subjetividade e “cuidado de si”

No contexto da globalização, há duas grandes comunidades às quais todos nós pertencemos: todos nós somos membros da raça humana e todos fazemos parte da biosfera global. Somos moradores do *oikos* da “casa Terra”, que é a raiz grega da palavra “ecologia”, e devemos nos comportar como se comportam os outros moradores da casa – as plantas, os animais e os microorganismos que constituem a vasta rede de relações que chamamos teia da vida (CAPRA, 2002, p.223).

Mas se você se cuida adequadamente, ou seja, se sabe ontologicamente o que você é, se também sabe do que é capaz, se sabe o que é para você ser cidadão em uma cidade, ser o dono da casa em um *oikos*, se você sabe quais são as coisas das quais deve duvidar e aquelas das quais não deve duvidar, se sabe o que é conveniente esperar e quais são as coisas, pelo contrário, que devem ser para você completamente indiferentes, se sabe, enfim, que não deve ter medo da morte, pois bem, você não pode a partir deste momento abusar do seu poder sobre os outros. Não há, portanto, nenhum perigo (FOUCAULT, 2006a, p.272).

Apresentando o conceito de “cuidado de si”, Michel Foucault (1985, p.47) se remete primeiramente aos estóicos e às suas doutrinas “ligadas à austeridade da conduta”, e, também a um “individualismo” presente no mundo helenístico e romano, que privilegiava “os aspectos ‘privados’ da existência”, os “valores da conduta pessoal”, e o “interesse que se tem por si próprio”. Refere-se ao termo *heautou epimeleisthai* (ocupar-se consigo mesmo) como um tema bem antigo na cultura grega (op. cit., p.49) e relata (op. cit., p.53) que, para Epicteto, o “cuidado de si” é um “privilegio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda nossa aplicação”. Referindo-se a Sêneca, diz:

antes de mais nada política e jurídica, a relação consigo é também definida como uma relação concreta que permite gozar de si como que de uma coisa que ao mesmo tempo se mantém em posse e sob as vistas. (...)

E a experiência de si que se forma nessa posse não é simplesmente a de uma força dominada, ou de uma soberania exercida sobre uma força prestes a se revoltar; é a de um

prazer que se tem consigo mesmo. Alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer (FOUCAULT, 1985, p.71).

Michel Foucault (1985, p.58-59), explora o conceito do cuidado de si, como “uma intensificação das relações sociais”, afirmando que, entre os gregos e romanos, o cuidado de si era, “ao mesmo tempo, senão um cuidado dos outros, pelo menos um cuidado de si benéfico para os outros” (2006b, p.273). Tal ato não constituiria “um exercício de solidão” (1985, p.57) mas “uma verdadeira prática social”, a “soberania do indivíduo sobre si mesmo” (1985, p.72) “uma experiência onde a relação consigo assume a forma, não somente de uma dominação mas de um gozo sem desejo nem perturbação”. Dessa forma, cuidar do outro, se ocupar do outro, se preocupar com o bem-estar do outro, seria simplesmente a extensão de um zelo consigo mesmo, de uma plenitude de alma e de ser que transbordaria o âmbito pessoal sem negá-lo. O autor completa: “Não se deve passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária”. (2006b, p.271)

Foucault supera aqui a noção cristã de amor ao próximo: “Amarás teu próximo como a ti mesmo” (Mateus, 22, 39)³⁵. Esse tipo de relação consigo mesmo me faz lembrar das orientações que recebemos antes de qualquer voo aéreo, quando a aeromoça, dando as temidas instruções “em caso de acidente”, nos demonstra que, estando acompanhados por uma criança, é preciso primeiro colocar a máscara de oxigênio em nosso próprio rosto para depois socorrer a criança.

Ainda percorrendo sobre o tema do cuidado de si, Foucault (op.cit., p.273) bebe da fonte de Nietzsche³⁶ quando afirma que “o cristianismo, ao introduzir a salvação como salvação depois da morte, vai desequilibrar ou, em todo caso, perturbar toda essa temática do cuidado de si” já que, com a renúncia, toda a conotação de cuidar de si que a busca da salvação poderia trazer, vai por água abaixo:

As técnicas de si ou artes da existência perderam grande parte de sua importância e de sua autonomia não somente quando se impõe o princípio da evidência do sujeito e da verdade na consciência, mas já anteriormente com o cristianismo, quando estas técnicas foram integradas ao exercício do poder pastoral e, mais tarde, às práticas modernas de tipo educativo, médico ou psicológico (PORTOCARRERO, 2009, p.54).

³⁵ Novo Testamento in *Bíblia Sagrada*. São Paulo:Ed. Paulinas, 1995.

³⁶ Conf. NIETZSCHE, 1998.

Portanto, o poder pastoral dos primórdios do cristianismo e posteriormente, as atuais práticas modernas de tipo educativo, assistencial, macularam, de certa forma, a ação tribal de amparar e proteger seus membros, o cuidado de si, estendido ao cuidado do outro. O ser humano, tocado pela necessidade do outro, compartilhando bens, exercendo o “estar-junto” é tomado então pela culpa, pelo desejo de salvação, pela “vaidade na benevolência” (NIETZSCHE, 1998, p.113) e passa a se comportar como “a mais nojenta espécie de vaidosos, os monstros de mendacidade que buscam aparecer como ‘almas belas’ e exibem no mercado, como ‘pureza do coração’, sua sensualidade estropiada, envolta em versos e outros cueiros: a espécie de onanistas morais e autogratificadores”.

Resta portanto uma inquietude, a realidade não pode ser simplesmente esta. A solidariedade, palavra tão desgastada pelo neoliberalismo, nasceu de algo maior que o assistencialismo, que a vaidade na benevolência, que o “toma lá dá cá” com o Deus onipotente e onisciente da *Santa Madre Igreja*.

Não existiria então, um “cuidado de si”, um grau tão alto de bem estar e gozo da vida, que transbordaria/culminaria num cuidado do outro?

Não existiria também uma subjetividade da filantropia, uma maneira de ser, de agir, de sentir e de se relacionar com o outro que acaba constituindo um perfil do cuidador? Estaria este perfil presente em baixo ou alto grau em mim, em você, e, principalmente, nas pessoas que, de certo modo, escolheram trabalhar de forma voluntária ou assalariada, na área da assistência ao outro? Que perfil é este? Ou antes, existiriam *nuances*, graus de culpabilidade e de vaidade que poderiam, em escala cada vez menor, atingir um ponto em que este trabalho resgate finalmente uma “ética na imanência” em detrimento da “moral na transcendência”? ³⁷

³⁷ “(...)os primeiros filósofos são aqueles que instauram um plano de imanência como um crivo estendido sobre o caos. Eles se opõem, neste sentido, aos Sábios, que são personagens da religião, sacerdotes, porque concebem a instauração de uma ordem sempre transcendente, imposta de fora por um grande déspota ou por um deus superior aos outros (...) Há religião toda vez que há transcendência, Ser vertical, Estado imperial no céu ou sobre a terra, e há Filosofia cada vez que houver imanência (...)” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.60). Deleuze e Guattari (op.cit., p.65) explicam que a transcendência “desce”, ressurgue no momento em que se refreia o movimento da imanência rumo ao infinito. Desta forma, a imanência “reproduz” e “fabrica” o transcendente que seria “a palavra judaico-cristã” que vem substituir o “logos grego”. Produz-se assim, uma “inversão de valores” e passa-se a entender a imanência como “prisão” e o transcendente como “salvação”. Pois, “com a filosofia cristã a situação piora. A posição de imanência continua sendo a instauração filosófica pura, mas ao mesmo tempo ela só é suportada em doses muito pequenas, ela é severamente controlada e enquadrada pelas exigências de uma transcendência emanativa e sobretudo criativa”(op.cit.,p.62).

4.3. Moral e ética

Em *Espinosa: filosofia prática*, Gilles Deleuze (2002, p.29) nos mostra que o filósofo do séc.XV privilegiou a Ética em detrimento da Moral³⁸, pois enquanto esta seria o julgamento de Deus, a existência associada a valores transcendentos, a primeira consistiria em uma “tipologia dos modos de existência imanentes” que desarticulava este “sistema de julgamento”³⁹, substituindo, portando, o bem/mal pelo bom/mau.

...será dito bom (ou livre, ou razoável, forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência. Pois a bondade tem a ver com o dinamismo, a potência e a composição de potências (...)
...dir-se-á mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as conseqüências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência (DELEUZE, 2002, p. 29).

Para Mariguela⁴⁰, Nietzsche não desvinculava ética da moral. Poucos autores conseguem fazer essa separação, ou seja, pensar o cuidado de si a partir deste projeto de traçar, ou delinear a genealogia da ética. Para ele, Foucault e Deleuze distinguem a ética da moral a partir das questões do sujeito: sujeito ético, sujeito de ações éticas.

Os gregos problematizavam efetivamente sua liberdade e a liberdade do indivíduo, como um problema ético. Mas ético no sentido de que os gregos podiam entendê-lo: o *êthos* era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. Era uma maneira de ser e a maneira de se conduzir. Era um modo de ser do sujeito de uma certa maneira de fazer, visível para os outros. O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos, etc. esta é para eles a forma concreta da liberdade; assim eles problematizavam sua liberdade. O homem que tem um belo *êthos*, que pode ser admirado e citado como exemplo, é alguém que pratica a liberdade de uma certa maneira. Não acredito que haja necessidade de uma conversão para

³⁸ Moral para Foucault (1984, p.26) é uma palavra ambígua, pois tanto pode se referir a um “conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como poder ser a família, as instituições educativas, a Igreja, etc”. Seria então, um “princípio de conduta” pelo qual os indivíduos “se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara”. Thiesen (2006, p.20) esclarece que na *moral incondicional* “não é mais possível criação ética, num sentido genuíno”, pois já que “bem e mal estão definitivamente estabelecidos”, a educação moral constituiria “uma mera questão de esclarecimento, disciplina e submissão”.

³⁹ Itálico do autor.

⁴⁰ O Prof. Dr. Márcio Mariguela proferiu uma palestra na Faculdade de Educação à convite do Grupo Violar em dezembro de 2007.

que a liberdade seja pensada como êthos. Mas, para que essa prática da liberdade tome forma de um êthos que seja bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo, é preciso todo um trabalho de si sobre si mesmo.

(...)

A liberdade é, portanto, em si mesma política. Além disso, ela também tem um modelo político, uma vez que ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem dos seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, chamada de arché – poder, comando (FOUCAULT, 2006a, p.270).

Não temos muito tempo a perder, as relações se desgastaram, o preconceito e o fascismo permeiam os olhares e os contatos humanos, a violência aparece como reação ao abuso de poder, como resistência ou descuido dos próprios desejos inadequados:

No abuso de poder, o exercício legítimo do seu poder é ultrapassado e se impõe aos outros sua fantasia, seus apetites, seus desejos. (...)

O bom soberano é precisamente aquele que exerce seu poder adequadamente, ou seja, exercendo ao mesmo tempo seu poder sobre si mesmo. É o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros.(...)

O risco de dominar os outros e de exercer sobre eles um poder tirânico decorre precisamente do fato de não ter cuidado de si mesmo e de ter se tornado escravo dos seus desejos (FOUCAULT, 2006a, p.272).

Sob a ótica de Foucault, aquele que exerce um poder tirânico (entenda-se: o responsável pela aprovação de projetos públicos, o político corrupto, o funcionário incoerente da empresa da qual as ONGs se batem para captar recursos, o policial agressor, etc), na verdade, é alguém que perdeu o leme da grande nau dos desejos construída, na atualidade, pela máquina capitalista. Alguém que não cuidando de si, não dá conta de frear a produção infinita de seus desejos (sejam materiais ou de poder). Para Michel Foucault (op.cit., p.271), “uma cidade na qual todo mundo cuidasse de si adequadamente funcionaria bem e encontraria nisso o princípio ético de sua permanência”.

Quando nos escoramos nessas reflexões, aumenta ainda mais a importância do diferencial que a TABA reserva em relação à população atendida e à forma como escapa dos modelos “tipo educativo, médico ou psicológico”. A volta à prática de tais técnicas de si, no exercício do trabalho social, implicaria, portanto, o comprometimento com a ética e consequente rompimento com a moral.

Rompimento com o modelo assistencialista religioso que, por exemplo, ainda proíbe o uso de preservativos e pressiona os adolescentes com seu discurso moralista, negando atendimento a quem “não se enquadrar”:

Para mim, trabalhar na TABA é um pouco diferente da L porque eu já venho de trabalho em várias ONG, abrigos, em rua, no enfrentamento da exploração. E eu vim para trabalhar no enfrentamento da exploração. Trabalhei em vários lugares que não davam nenhum tipo de abertura. Tem organização católica que não tem como você trabalhar algemado... porque não pode dar acesso a preservativo. Então, não tem como você trabalhar. Porque como você vai trabalhar a exploração sexual sem poder oferecer preservativo? Quando a pessoa está lá, sendo explorada, lá naquele momento, é uma profissional do sexo adolescente, como a gente costuma dizer. Porque ela quer aquilo para ela naquele momento, por necessidade. Como que a gente vai chegar?

E ela tem liberdade de fazer isso. E aqui é diferente, a gente tem uma visão diferente de tudo isso, trabalha direitos sexuais e reprodutivos. Não é muito quadrado, igual a outros lugares (Ademir, educador social, jul. 2008).

4.4. Autonomia como outra forma de subjetividade

Autonomia: 1. Faculdade de se governar por si mesmo. 2. Direito ou faculdade de se reger (uma nação) por leis próprias. 3. Liberdade ou independência moral ou intelectual. 4. Distância máxima que um veículo, um avião ou um navio pode percorrer sem se reabastecer de combustível. 5. *Êt.* Condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta. (FERREIRA, 2004, p.233)

Eis que se chega à “veia”, coluna vertebral, ponto nevrálgico de toda esta escrita: a autonomia enquanto elemento que permite a criação de outras formas de subjetivação. Na definição acima, autonomia é, primeiramente, arte de governar a si mesmo (do grego: *auto*-si mesmo e *nomos* –comandar). Auto-governo: um cuidado de si que implicaria um cuidado do outro. Governamentalidade foucaultiana.

Autonomia enquanto nova forma de subjetivação, constituinte de novas relações, fabricante de liberdades, de relações mais verdadeiras, mais limpas. Aparece, finalmente, o ponto chave transversalizante, que atravessa todos os depoimentos, sem que a pergunta fosse direcionada para tal: autonomia, autonomia, autonomia:

E eu não gosto de trabalhar para patrão, também. Não gosto de trabalhar fechado assim, não gosto. O máximo que eu durei num serviço foi seis meses, eu não agüento. Eu gosto de ter minhas idéias, de executar, conversar, tá livre, poder sair, voltar. Não gosto de estar ali numa produção. (Fred, educador social, abr. 2008).

Adolescentes e jovens em situação de risco, vulneráveis aí a tudo o que as sociedades, as comunidades em geral oferecem de ruim, de negativo e eu acho que aqui eu vim contribuir em algumas coisas, embora eu esteja aprendendo ainda, e a TABA é um espaço que dá liberdade para a gente fazer isso. Ela vem, assim, capacita, em alguns momentos, o profissional, tá sempre em busca disso, da capacitação profissional, acredita nisso ela dá o espaço para a gente falar, para a gente ouvir, para a gente gritar, para a gente fazer o que quiser aqui dentro. Então, não tem certo, não tem errado: “Ah! Mas, lá fora é assim. Nas outras ONGs, eles acreditam nesse trabalho”; “Não. Mas, a TABA acredita nisso.”. E isso

eu aprendi, a falar o que eu penso, o que eu acho que é certo e defender. E a TABA contribuiu muito nesse sentido. **(Lucenir, assistente social, dez.2007).**

Bom, aqui é espaço de adolescente. A outra coisa é o adolescente que a gente trabalha, que traz situações de violência, não é um adolescente que a gente está — nem sei as palavras que a gente usa — que a gente está comumente nos relacionando. Então, às vezes os nossos adolescentes têm um limite muito baixo, então a gente perde eles facilmente. Então, a gente tem que ter uma disponibilidade de realmente vincular com esse adolescente. Então, uma coisa que não dá para ficar é não querer trabalhar com adolescente e a segunda é não ter um mínimo de autonomia, que esse acho que é um outro pilar. A TABA pretende ser e acho que ela consegue no seu limite, que as pessoas tenham autonomia de decisão, de trabalho, que a gente não pode estar com pessoas dependentes, sabe, assim para tudo pergunta. Nós não conseguimos trabalhar com gente que pergunta para tudo. **(Ricardo, diretor e fundador da TABA, jan. 2008).**

Aqui eu sinto um ambiente mais acolhedor, mais à vontade, a gente consegue pensar mais para desenvolver. Mais do que no outro lugar onde eu estava, porque assim, onde eu estava era muito tenso, uma coisa forçada, muito assistencialista embora pregasse que não, mas nas entrelinhas você sabia que era isso.

Você não tinha uma voz ativa para fazer o que você tinha vontade de fazer e aquilo acabava prejudicando você enquanto profissional. **(Helena, assistente social, jul. 2008).**

Aqui você sabe o que você tem que fazer, você pode sentar de madrugada e fazer. O importante é que seja feito. Então, eu acho que falta dar essa flexibilidade e eu faço isso com todo mundo aqui dentro. Hoje eu falo com a Lucenir: "Lucenir, eu não sei o horário que você entra, que você sai.". E não sei, mas eu sei que ela me dá resultado, que ela conseguiu organizar os relatórios. É isso que eu sei. Entendeu? Só, que o resto não me interessa. Então é isso que trabalhar na TABA.

Eu trabalho na TABA também por isso, pelo que eu te falei. A flexibilidade cotidiana aqui é surpreendente. E eu também não sei se sou eu que acabo fazendo com que isso aconteça, pode ser que eu provoque essa história. **(Maria Angélica, coordenadora, dez. 2007).**

Eu conheço vários lugares, eu já trabalhei em vários lugares e sei bem o que é isso.

Aqui, eu tenho sempre apoio do que eu tô fazendo, ninguém fica cobrando, ninguém fica perguntando, trabalho sempre com a dupla psico que é a psicóloga e assistente social, trabalhamos sempre juntos.

Tenho acesso à coordenação, à administração no momento em que eu preciso falar eu consigo falar. Em outros lugares tem que marcar hora pra poder falar. Aqui, se eu não puder falar na hora eu ligo, a gente tem liberdade e pode tá ligando na casa, o que eu gosto muito daqui é isso.

Isso diferencia de outros lugares, é uma diferença muito grande, é um canyion de diferença praticamente.

Tudo aqui, todo mundo sabe tudo, e esse é um diferencial muito grande porque a gente não faz relatórios internos, porque não tem extra plantões.

Por exemplo, se eu tenho que fazer um acompanhamento dez horas da noite, o adolescente tem que ir acompanhado num hospital ou algum outro lugar, acolhimento de proteção, eu vou, mas sabem onde eu estou, isso é bem importante, porque se eu tiver em tal lugar, em tal horário e ligar: "Ó, tem que vim me buscar em tal lugar, não tem ônibus", a coordenadora geral sai da casa dela pra ir buscar.

Isso você não vê, você vê o profissional que se limita ao trabalho dele, se ele trabalha 20 horas semanais, se não é a tarde dele trabalhar ele diz: "Ah, eu não posso, é fora de meu horário".Precisa, precisa! Não tem outro jeito: então vamos!

Por conta de ser um número reduzido de pessoas a gente dá conta do que a gente faz.

É um número de funcionários bem menor que nas outras ONGs.
Só funciona se vestir a camisa, ou senão vai trabalhar com horário marcado em empresas, lojas, em outras ONGs em que não tenha que vestir a camisa, não que seja obrigado, só veste quem quer, mas todo mundo veste .
Mas se tá aqui tem que acreditar.

Eu trabalho um pouco aqui, você imagina, é correria! Quando tá correria é muita correria e quando tá tranquilo é muita correria também, ou seja, é correria o tempo todo. (risos).
Mas é isso. (Ademir, educador social, jul. 2008).

Mas quando se crê livre, eis que se é capturado novamente. Deleuze e Guattari (1997, p.112) advertem para a mutação que pode ocorrer quando as Máquinas de Guerra são apropriadas pelo Aparelho de Estado que faria delas “uma peça de seu aparelho”. Apontam para o perigo maior que se dá no momento em que tal Máquina de Guerra substitui a “mutação pela destruição”, libertando assim a “carga mais catastrófica”: a linha de fuga se reverte em linha de destruição suicidária. Para Deleuze e Parnet (1998, p.165), quando uma “linha de fuga” é “traçada por uma máquina de guerra”, ela é convertida em “linha de abolição”, “destruição das outras e de si mesma”, pois “inventa sobre a linha de fuga sua própria máquina de guerra”. Desta forma, a autonomia que se desvincula do seu enraizamento social e de seus laços com o coletivo pode também resultar em descomprometimento, em descaso, em preguiça, como pode ser observado no depoimento⁴¹ que se segue:

A gente trabalha com dinheiro público, mas a gente não pode ter postura de funcionário público, fazer como funcionário público, de encostar de fazer corpo mole, de deixar as coisas pra depois, acho que aqui tem um pouco disso.
As pessoas ficam tão à vontade, tem tanta autonomia, que não sabem usar.
(Luciana, educadora social, jul. 2008).

4.5. Corredores ecológicos e corredores de subjetividade

Para além das relações de força atualizadas, a ecológica do virtual se proporá não apenas a preservar as espécies ameaçadas da vida cultural mas igualmente a engendrar as condições de criação e de desenvolvimento de formações de subjetividade inusitadas, jamais vistas, jamais sentidas. Significa dizer que a ecologia generalizada — ou a ecosofia — agirá como ciência dos ecossistemas, como objeto de regeneração política mas também como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valorização,

⁴¹ Há aqui um julgamento comprometido com uma determinada imagem que se faz do funcionário público a partir, inclusive, das próprias condições burocráticas de trabalho em que estes se encontram, sem que dificilmente consigam satisfazer as necessidades e exigências daqueles que precisam usufruir do serviço público. Obviamente, não é um retrato de todos, mas é um retrato existente e captado no depoimento que segue.

um novo gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, as faixas etárias, as etnias, as raças (GUATTARI, 1992, p.116).

Durante uma conversa informal por ocasião de um passeio pela represa de uma usina no interior de São Paulo, o biólogo Eduardo Santos, explicou que além da reconstituição das matas ciliares nas margens das represas, lagos, córregos e rios, tem-se adotado também o procedimento da formação de “corredores ecológicos” que ligariam tais sítios às matas e a outros espaços recuperados para que os animais silvestres possam atravessar tais percursos em segurança, sem serem vítimas das máquinas e meios de transporte dos humanos. Os corredores ecológicos me remeteram ao campo de forças sociais que Michael Hardt (2000, p.368-369) descreve como formador de subjetividades, “uma criação da sociedade num processo em constante engendramento”. Compara, desse modo, as diversas instituições modernas disciplinares com “arquipélagos de fábricas de subjetividades” onde “cada instituição tem suas regras e lógicas de subjetivação, e acrescenta, que, na passagem para as sociedades de controle, “as subjetividades continuam a ser produzidas na fábrica social”. Para ele, “o pós-modernismo é o que obtemos quando a teoria moderna do construtivismo social é levada ao extremo e toda subjetividade é reconhecida como artificial.”

Pergunta-se, em meio a esses arquipélagos de subjetividade seria possível, criar corredores onde se pudesse “andar pelas brechas”, fugindo dos apelos da sociedade mundial de controle, do neoliberalismo? Corredores por onde pudéssemos preservar e quem sabe até criar “um jeito silvestre de ser” sem sermos atropelados pelos caminhões e tratores do poder, do autoritarismo e tampouco capturados pelas jaulas do medo e da falsa liberdade?

Não seriam então, algumas ONGs, alguns espaços públicos, algumas escolas, lanchonetes, salas e quintais, “corredores de novas subjetividades” que, resistentes, proporcionariam às pessoas, a oportunidade de se construírem da maneira que pudessem escolher? Espaços onde este “escolher” esteja bem mais próximo da ética, da autonomia do que da manipulação midiática da sociedade de controle, do biopoder?

Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. (...) Num regime de controle nunca se termina nada. (...) O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle (DELEUZE, 1992, p.216-217).

Espaços de convivência, corredores de subjetividades, vacúolos de não-comunicação com a sociedade de controle, mas que na verdade são vacúolos de intensidades, de vida, de encontro, de leveza em meio a tanto desejo de coisas desnecessárias, à liberdade de plástico, a tanto medo da pobreza, a tanto medo do outro. Espaços-tempos que se formam e se fecham, qual flor de cactos desabrochando anualmente, expondo sua estonteante beleza:

E tem aqueles que passam aí pela rua, às vezes, quando tem festa... Lembro de quando teve o lançamento do Projeto Hip Hop, a porta ficou aberta, então, apareceu de tudo. Tem gente que passava olhava, achava o barulho interessante, entrou, participou, teve morador de rua adulto que apareceu, que contou a sua história, que desenhou, que participou, teve gente de várias tribos, adulto, criança também. Tem o grupo de mães, que acaba vindo com os pequenos, as crianças três, quatro, cinco até dez anos, os primos, aí vem as tias. E aí, vão trazendo, tem uma família que veio do DIC⁴², trouxe a família, deu umas dez pessoas, tio, prima, só faltou trazer o papagaio **(Rosana, psicóloga, dez. 2007).**

42

Distrito Industrial de Campinas – bairro periférico.

5. Reflexões in-conclusivas

Produzir novos infinitos a partir de um mergulho na finitude sensível, (...) devires intensivos e processuais, um novo amor pelo desconhecido... Enfim, uma política de uma ética na singularidade, em ruptura com os consensos, os “lenitivos” infantis destilados pela subjetividade dominante. (...) curto-circuitos entre a complexidade e o caos. (...) Por exemplo, o caos democrático que encobre uma infinitude de vetores de re-singularização, de atratores de criatividade social em busca de atualização. Não se trata aqui do **aleatório neoliberal** e de **seu fanatismo da economia de mercado**, mercado unívoco, **mercado das redundâncias de poder capitalísticas**⁴³, mas de uma heterogênesse de sistemas de valorização e de uma eclosão de novas práticas sociais, artísticas, analíticas (GUATTARI, 1992, p.147).

Félix Guattari (op.cit., p.141-147) nos fala de um “criacionismo mutante”, resistente às repetições, sempre a reinventar-se e a perder-se, sem se cristalizar, petrificar ou abstrair-se em “monoteísmos capitalísticos”, um “ponto de negociação entre a complexidade e o caos” (op. cit. p.141). Tal “produção de novos infinitos”, tal “ética na singularidade” culminaria na “formação de novos processos de subjetivação” ou então em “novas modalidades de subjetivação”.

Construir novas modalidades de subjetivação é aceitar o convite de romper paradoxos, de estar além das normas da sociedade disciplinar, sem, por isso, cair nas teias pós-modernas do consumo de liberdade, da política do medo de Bauman, do biopoder foucaultiano, da sociedade de controle deleuziana:

Pode-se, com efeito, falar de processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes. **Mesmo se na seqüência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde.** (...) Mais do que processos de subjetivação, se poderia falar principalmente de novos tipos de acontecimentos: acontecimentos que não se explicam pelos estados de coisa que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. **Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar.** (...) Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície e volume reduzidos (DELEUZE, 1992, p.217-218)⁴⁴.

43 Negritos meus.

44 Negritos meus.

Permitir que se abram novas portas, portas coloridas, multiformes, sem chave ou fechadura, que estão ali só pra sinalizar passagens; desapegar-se das formas enferrujadas, cadeirão de bebê, berço pequeno, roupa velha de criança, pequena demais para o corpo do adulto, sapato apertado, anel estrangulando o dedo que engordou, chapéu comprimindo têmporas, dando dor de cabeça: as velhas formas de subjetividade dão dor de cabeça, dor de estômago, dor nas costas, nos rins, (e, no entanto, eu gostava tanto daquele chapéu...).

Para se criarem novas formas de subjetivação, é preciso desenvolver uma prática de cuidado de si, enquanto educador, enquanto coordenador, enquanto instituição. Cuidado do outro como extensão de um cuidado de si. Cuidado do outro que escapa à solidariedade e ao zelo distorcidos pelo jogo de interesses: jogo de interesses do mercado em deduzir do imposto de renda a verba despendida com o “social”, jogo de interesses do cristão em conquistar um “lugarzinho no céu” com suas boas ações voluntárias, jogo de interesses do inseguro, que quer ser visto como “bonzinho” pelos vizinhos e amigos. Mas sim, um cuidado de si e do outro como arte da existência, como resistência ao biopoder, à sociedade de controle:

A relação consigo, como modo de subjetivação, como arte de existência, é inclusive, lugar de resistência às capturas dos complexos de saber-poder, os quais por sua vez continuamente investem e avançam sobre ela (PAIVA, 2001, p.58).

A imagem sugerida aqui é a de um grupo de surfistas. Mas não aqueles que se digladiam pela onda grande, a maior, a rainha da série, surfando com classe e desenvoltura. Imagem utilizada pelos jargões do neoliberalismo nos cursos de capacitação para o mercado competitivo ou de orientação vocacional (“surfando nas ondas do mercado”). A imagem é a de um grupo de surfistas que, deixando suas pranchas na areia, vão nadar juntos, brincar com as grandes ondas que se formam, permitindo que elas os atravessem, num cuidado mútuo, num zelo de irmãos, para que ninguém se afogue, com tudo de lúdico, de sério e de leal que uma brincadeira de irmãos envolve. E novamente, não irmãos em Cristo, em dogmas, em confrarias, mas irmãos em espécie humana que, cuidando de si e desenvolvendo uma prática de auto-governo, um metrizar⁴⁵ de instintos, cuida do outro como se cuidasse de um dedo ou de um braço seu, compreendendo

⁴⁵ Termo criado por mim a partir da palavra francesa: maîtriser – dominar, se mestre de. “1..se rendre maître des forces difficilement contrôlables.2. soumettre, contenir par la force » (LAROUSSE, 1992, p.606).

que somos todos parte de uma única e só coisa; ou seja, este planeta azul, *oikos* passageiro, barco imenso que depende do trabalho de todos para navegar.

Seria apropriado perguntar:

A poeira do tempo estaria distorcendo nossos sentidos? Seríamos presas de confrontos éticos, religiosos, étnicos, climáticos, geográficos? Atração ou retração de países antípodos? Ou, apenas, estaríamos possuídos por desejo não concebido de descobrir maravilhas, enganando-nos a nós próprios para sentirmos sensações diferentes, levando a mente a criar imagens, a sentir perfumes? (FERNANDES, 2001, p.18).

Estaria a poeira do tempo e minha paixão pela TABA distorcendo meus sentidos? Estaria eu possuída pelo desejo de descobrir maravilhas, enganando a mim mesma, levando minha mente a encontrar novas formas de subjetivação onde nunca existiram?

O que me encantou na TABA foi a autonomia delegada aos funcionários, a disponibilidade de “estar-junto” com os adolescentes numa relação igualmente autônoma, a possibilidade de criar saídas para situações inusitadas, algumas vezes, leves, bem-humoradas, outras vezes, tensas, medrosas, angustiadas. A partir dos depoimentos transcritos, eu ousaria dizer que, talvez, a TABA, no período em que esta pesquisa foi realizada, tenha constituído um singular “corredor de subjetividade”, o “metalúrgico híbrido” entre nômades e sedentários, a liga entre o “aparelho de captura” e a “máquina de guerra”. O “espaço esburacado” autônomo entre o “liso” e o “estriado”.

Autonomia enquanto resistência:

Não se trata, pois, de lutas de indivíduos ou minorias contra o sistema; essas lutas, são isto sim, as da universalidade ética contra a parcialidade e menoridade reinantes no mundo político da atualidade.

O topos ao qual se poderia chegar a partir das lutas de resistência, deste modo, seria a governabilidade, ou seja, o autogoverno dos indivíduos livres e autônomos. Uma autonomia a ser considerada numa espera pública não restritiva, dependente, apenas, do grau de autonomia e liberdade de cada um dos membros da comunidade e da sociedade. Espaço público, bem entendido, conquistado passo a passo pela recriação e reinvenção constantes de novas formas de sociabilidade e novos estilos de existência. Heterotopia foucaultiana, esse ideal de espaço público pressupõe a presença de uma permanente agonística do mundo subjetivo e social, isto é, do anarquismo, no seu sentido mais autêntico e libertário. Lutas anárquicas pela ampliação, contínua e crescente, da autonomia e da liberdade (BRANCO, 2005, p.183-184).

O que importa aqui é que se criaram brechas, num dado momento, mesmo que novos poderes e novos saberes sejam engendrados⁴⁶. São brechas que podem ter se fechado para se cristalizar em formas molares e fixas em obediência a soberanos internos, em padrões normativos da sociedade disciplinar, em armadilhas midiáticas da sociedade de controle. “Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar” (*op. cit.*, p.218). Um dia, portanto, houve tais brechas que puderam ser brevemente cartografadas. Brechas ambíguas, tremulantes, frágeis.

Eu não ousaria dizer que essas brechas cartografadas nos trazem uma esperança, já que, para Spinoza (2008, p.312)⁴⁷, esperança é medo, medo é tristeza, e “a tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor” (*op.cit.*, p.239). Essas brechas são a certeza de que é realmente possível fugir das garras do monstro. Que é possível construir novas formas de trabalhar, de estar junto, de viver. É mostrar que é possível sair da transcendência das idéias fixas, apegos, necessidades, modelos, totens, ídolos, preconceitos, imagens impostas e entrar no campo da imanência⁴⁸. Mas não como quem escolhe um novo prato num cardápio de um restaurante, confortavelmente instalado em poltronas macias. A imanência é mergulhar no mar morno e azul, é saltar de paraquedas a 10 mil pés de altura, é atravessar túneis subterrâneos em cavernas geladas e escuras, sabendo que o lado de lá revelará salas inusitadas⁴⁹.

Nesses dois anos em que acompanhei a TABA, houve muitas mudanças, a ponto de podermos dizer que hoje a TABA é outra. As configurações se modificaram. Por questões relativas ao espaço físico em que se situa, a TABA deixou de atender aos adolescentes em

⁴⁶ A referência feita, no capítulo anterior, aos corredores de subjetividade pode representar tanto uma forma de condução, portanto uma liberdade artificial, quanto linhas de fuga criadoras de brechas ou passagens onde a captura não ocorra.

⁴⁷ “Os afetos da esperança e do medo não existem sem a tristeza. Com efeito, o medo é uma tristeza, e a esperança não existe sem o medo. Por isso, esses afetos não podem ser, por si mesmos, bons, mas apenas à medida que podem refrear o excesso de alegria. (...) Assim, quanto mais nos esforçamos por viver sob a condução da razão, tanto mais nos esforçamos por depender menos da esperança e por nos livrar do medo; por dominar, o quanto pudermos, o acaso; e por dirigir nossas ações de acordo com o conselho seguro da razão”(SPINOZA, 2008, p.321).

⁴⁸ Deleuze e Guattari (1992, p.66) dão a Spinoza o título de “príncipe dos filósofos”, alegando que só ele “sabia plenamente que a imanência não pertencia senão a si mesma” e também que “ela era um plano percorrido pelos movimentos do infinito, preenchido pelas ordenadas intensivas”, encontrando a liberdade “tão-somente na imanência”. Para eles, Spinoza é “a vertigem da imanência da qual tantos filósofos tentam em vão escapar” e seus conceitos remetiam ao “plano de imanência” com suas duas faces: “potência de ser e potência de pensar”.

⁴⁹ A elaboração deste trabalho me faz concluir que ele foi atravessado pelos conceitos de imanência e transcendência embora não tenham sido colocados como foco de minha pesquisa. Futuramente, pretendo aprofundar estes conceitos pois hoje entendo que a relação com a vida é de imanência, portanto, um estado de ser que coloca as relações sociais num fluxo constante de intensidades.

ESCCA⁵⁰, que para mim, constituíam o cimento, o tempero, o brilho da instituição e, atualmente, a TABA tem se deslocado para os bairros de periferia, para a fundação Casa, para as escolas, realizando um trabalho mais externo que interno, mais de base, de formação, mais amplo, mais organizado. Além disso, estruturou o setor administrativo e deu continuidade às alianças e parcerias com os órgãos governamentais e não-governamentais da rede de proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes da cidade.

Os princípios norteadores das atitudes dos profissionais que lá atuam continuam os mesmos, podendo ser identificados na maneira de conduzir o trabalho, de se relacionar mutuamente, na insistência em fazer com que as políticas públicas melhorem. A autonomia vem e vai, dependendo dos limites institucionais, da capacidade dos coordenadores e da equipe em exercê-la.

Um espaço ambíguo, portanto, oscilando entre a captura e a fuga. Sempre existirão as ambigüidades e os obstáculos. O desafio da TABA e da humanidade em geral talvez seja se equilibrar numa corda bamba feito bailarina de circo, correndo riscos, escorregando, aprumando-se, sem saber qual surpresa o próximo passo lhe reservará. É na tensão da ambigüidade que as coisas acontecem, às vezes sendo capturado, às vezes escapando e, quando se crê livre, eis que se é capturado novamente

E eu, talvez ingênua, talvez louca, talvez certa, talvez errada, ainda acredito no poder de resistência através do devir-artista da humanidade que sempre está encontrando maneiras novas (e belas) de fazer o mesmo. Novas maneiras de escapar à captura, de se recriar a cada instante, metamorfose ambulante:

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.
Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes,
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.
Sobre o que é o amor, sobre o que eu nem sei quem sou.
Se hoje sou estrela amanhã já se apagou.
Se hoje lhe odeio, amanhã lhe tenho amor,
lhe tenho amor, lhe tenho horror, lhe faço amor, eu sou um ator.
É chato chegar a um objetivo num instante,
Eu quero viver esta metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha, velha, velha, velha opinião formada sobre tudo.

Raul Seixas, Metamorfose Ambulante

50

Vide tabela no início do texto

Referências bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1970.

BADIOU, Alain. Da vida como nome do ser. in ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: ed. 34, 2000. (Coleção TRANS) p.159-167

BARBOSA, Lia Pinheiro. Significados do Terceiro Setor: de uma nova prática política à despolitização da questão social. **Sociedade e Cultura**. Revista de Pesquisa e Debates em Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia v.9, n.1, p.173-186,. jan/jun. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA SAGRADA, Novo Testamento. São Paulo: Ed. Paulinas, 1995.

BRANCO, Guilherme Castelo. As lutas pela autonomia em Michel Foucault in RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B., VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 2ed. p.175-184.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Logique du Sens**. Paris: Minuit, 1969.

_____. **Conversações**. trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Espinoza**: filosofia prática. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Abecedário**. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. (edição em 3 DVD's). Paris: Ed. Montparnasse, 2004. Por Bernard Rieux. Internet, última atualização 10/08/2005 .

_____. **Lógica dos Sentidos**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 4^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2^a ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze et Félix Guattari**: biographie croisée. Paris: La Découverte, 2007.

ESPANCA, Florbela. **A Mensageira das Violetas**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

FERNANDES, Fernando Zurita. **O Pequeno Dragão Dourado**. São Carlos, SP: Ed. Compacta, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3^a Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 3^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980.

_____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8º ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1ª ed. Rio de Janeiro.: Ed Graal, 1985.

_____. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O poder psiquiátrico.** Trad. Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Ética, sexualidade, política.** 1988 - A tecnologia política dos indivíduos. (Ditos e escritos.; V).Org. Manuel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. **Segurança, território e população:** curso no Collège de France (1977-1978). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução de Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica:** curso no Collège de France (1978-1979). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução de Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREIRE, Paulo.(1996) **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GALLO, Sílvio. **Educação Anarquista:** um paradigma para hoje. Piracicaba, SP: Ed. Unimep, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ONGs e cidadania**: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2003.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Ana Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. In: ALLIEZ, Eric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo Ed. 34, 2000.

LAROSSA, Jorge. **Nietzsche e a educação**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LAROUSSE, **Le Petit Larousse Illustré**. Dictionnaire Encyclopédique. Paris: Larousse, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MELLO, Thiago de. **Os estatutos do homem**. 2^o ed. Tradução de Pablo Neruda. Pinturas de Dafni Amecke Tzitzivakos. Cotia, SP: Vergara & Ribas, 2002

MIRANDA, José A. de Bragança; CASCAIS, Antonio Fernando. Prefácio in FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4^o ed. Lisboa: Vega, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy in BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. Política da dobra e cuidado de si in LINS, Daniel. Simpósio Nacional de Filosofia (2000: Fortaleza (CE). **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001.

PASSETI, Edson. Anarquismos e sociedade de controle in RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B., VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PORTOCARRERO, Vera. O mundo como sala de aula. Foucault pensa a educação. **Revista Educação**, São Paulo, v.3, p.46-55, 2009.

ROLNIK, Sueli.. Esquizoanálise e antropofagia in: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: ed. 34, 2000. (Coleção TRANS). p.451-462.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas de Thomaz Tadeu. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Bibliografia:

ARAÚJO, Marcos Guilherme Belchior. **Pensamento e produção de subjetividade:** problematizações entre a clínica e política. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BADIOU, Alain. **Deleuze: o clamor do ser.** Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BAUMAN, Zigmunt. **Sociologia Humanística.** em entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, Leeds, U.K. Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 27/10/07. Caderno Aliás.

BEDJAOUI, Mohammed. Intervenções dos participantes in Colóquio Internacional sobre o Direito à Assistência Humanitária (1995: Paris, França). O direito à assistência humanitária. **Anais;** (tradução e revisão: Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya). Rio de Janeiro: Garamond, 1999. checar se é anais que grifa

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. **Obras escolhidas.** Vol II. São Paulo: Brasiliense, 1995)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.).**Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **A Cidade-Estado Antiga.** São Paulo: Ed. Ática, 1993.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHEVALIER, Philippe. **Michel Foucault:** le pouvoir et la bataille. Nantes: Ed. Plein Feux, 2004.

DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: ALVAREZ, Sônia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos:** novas leituras. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2000.

DELEUZE, Gilles. **A dobra:** Leibniz e o barroco. 3ª ed. Trad. Luiz B. Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. **A ilha deserta** e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Diferença e Repetição.** Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Ana Cláudia Leão e Suely Rolnik.. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DINSTEIN, Yoram. As consequências jurídicas das violações do direito à assistência humanitária. in Colóquio Internacional sobre o Direito à Assistência Humanitária (1995: Paris, França). O direito à assistência humanitária. **Anais;** (tradução e revisão: Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya). Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUSCHATZKY, Sílvia. **Maestros Errantes:** experimentaciones sociales en la intempérie. 1ª ed. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2007.

FERNANDES, Rubem César. **Privado porém político:** o Terceiro Setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.34-41.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GRAMSCI, Antonio.(1930-1932) **Cadernos do Cárcere**. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre Estado e política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GROS ESPIELL, Héctor. Os fundamentos jurídicos do direito à assistência humanitária. in Colóquio Internacional sobre o Direito à Assistência Humanitária (1995: Paris, França). O direito à assistência humanitária. **Anais**; (tradução e revisão: Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya). Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

GRUPO DE ESTUDOS DA CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA. Dossiê: Os movimentos sociais e a construção democrática. **Revista Idéias**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, Campinas, SP. 5(2)/6(1), p.13-42. 1988/1989.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 17ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUIMARÃES, Áurea Maria. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos da escola. in AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

GUIMARÃES, Áurea Maria. As instituições e a perpetuação da miséria in **Reflexão**. Revista quadrimensal do Instituto de Filosofia - PUCCAMP. Campinas, SP. 1º 29.p. 61-81, 1985.

_____. **Vigilância, punição e depredação escolar**. 3ªed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **A dinâmica da violência escolar**. 2ªed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GUIMARÃES, Á. M. (org.). Jovens, os tutores da desordem e da violência? in CAMARGO, A. M. F. e MARIGUELLA, M.(org). **Cotidiano Escolar**: emergência e invenção. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007

HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Multidão**: guerra e democracia na era do Império. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KURKA, Anita Burth. **A participação social no território usado**: o processo de emancipação do município de Hortolândia. Tese de Doutorado em Serviço Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LAZARATTO, Maurizio. **Políticas del Acontecimiento**. Trad. Pablo Esteban Rodríguez. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **Violência totalitária**: ensaio de antropologia política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002

NADAI, Larissa. **Relatório final da disciplina: EL774 BCG** – estágio supervisionado II. Docente Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan. Faculdade de Educação. Unicamp, Campinas, 2008.

PAOLI, Maria Célia; TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais: conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In ALVAREZ, Sonia, DAGNINO, Evelina e ESCOBAR, Arturo. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2000.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1998. (Coleção Estudos ; 160)

PINHEIRO, Veralúcia. **Socialização, Violência e Prostituição**. Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

POIRIER, Nicolas. **Castoriadis: l’imaginaire radical**. Paris, PUF, 2004.

RIBEIRO, Cláudia; CAMPOS, Maria Teresa de Arruda (orgs). **Adolescências e participação social no cotidiano das escolas: “ A Paz também é a Gente que Faz”**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

ROJZMAN, Charles. **La peur, la haine et la démocratie**. 1^oed. Paris : Desclée de Brouwer, 1999.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SAHOVIC, Milan. Intervenções dos participantes in Colóquio Internacional sobre o Direito à Assistência Humanitária (1995: Paris, França). O direito à assistência humanitária: **Anais**; (tradução e revisão: Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya). Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze et l’art**. Paris : PUF, 2005.

SIMMEL, Georg. **Les Pauvres**. Paris: PUF, 1998.

TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **Identidades em construção**: as organizações não-governamentais no processo brasileiro de democratização. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

TELLES, Vera da Silva. Sociedade Civil, direitos e espaços públicos. **Revista Polis**, nº14, p.43-53.1994.

THIESEN, Leopoldo Gabriel. **Por uma ética transitória**: criação ético-estética para além da moral. Tese de Doutorado em filosofia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

Anexo A:

Questões semiestruturadas⁵¹:

1. TRIBOS: quais são as tribos de adolescentes e educadores que compõem a TABA?
2. EDUCADOR: como é feita a escolha dos educadores? Qual a pior qualidade do educador que resultaria em sua saída da TABA? O que de pior ele teria que fazer para ser convidado a se retirar da TABA?
3. TABA: o que é trabalhar na TABA? Como se trabalha na TABA? Por que você trabalha na TABA?
4. MEDO: você tem medo de quê? Na sua vivência e convivência com os adolescentes, qual foi a situação que mais lhe causou medo?
5. VIOLÊNCIA: que tipos de violência você identifica na vida do adolescente que a TABA atende?
6. RUA: como educador, qual análise que faz da rua enquanto espaço ocupado pelo adolescente que frequenta a TABA?
7. ADOLESCÊNCIA: o que é ser adolescente e o que é ser adulto?
8. DIFERENÇAS: quais foram as diferenças mais desafiadoras para você na convivência com as pessoas que encontrou aqui na TABA?

⁵¹ Tais questões foram elaboradas a partir das palavras-chave que as antecedem. No momento da entrevista era lida a palavra-chave e depois feita a questão.

Anexo B:

Equipe entrevistada

A população pesquisada se constituiu com três adolescentes, três mães, três educadores sociais, quatro profissionais da área social, três membros da coordenação e um voluntário. Também foi utilizada a transcrição das falas de uma reunião de equipe que contou com dez pessoas.

Coordenação

Angélica (Psicóloga), Ricardo (Psicólogo), Kelly (antropóloga).

Equipe Técnica

Rosana (Psicóloga), Valéria (Assistente Social), Lucenir (Assistente Social), Helena (Assistente Social).

Voluntários

Sebastião.

Educadores Sociais

Ademir, Luciana, Fred.

Adolescentes:

Adolescente 1; Adolescente 2 ; Adolescente 3.

Mães:

Mãe 1; Mãe 2; Mãe 3.

Reunião de equipe:

Kelly, Angélica, Sebastião, Ademir, Luciana, Lincoln, Adriana, Larissa, Kathleen, Carla, Lucenir, Rosana.

Quanto à dinâmica de coleta de dados:

- Três pessoas responderam à pergunta: por que eu trabalho na área social?
- Seis pessoas responderam às questões semiestruturadas.
- Seis pessoas responderam à pergunta: qual é a diferença entre a TABA e as demais instituições pela qual passei?
- Doze pessoas estiveram presentes na reunião de equipe de dezembro 2008.
- O registro dos dados ocorreu a partir de gravação em áudio e posteriores transcrições, as quais foram mostradas a todos os entrevistados e contaram com aprovação assinada por estes.

Anexo C:

A TABA por ela mesma: documento oficial⁵²

(...)esses casos de inovação em rede poderiam ser considerados como uma orquestra sem regente (HARDT e NEGRI, 2005, p.423)

A TABA, ONG (Organização-Não-Governamental) sem fins lucrativos, foi criada em 1996, a partir do desejo de adolescentes, jovens protagonistas, educadores/as e consultores responsáveis pela execução do Programa de Orientação Sexual da Rede Municipal de Educação de Campinas. O desejo de constituir um espaço de reunião e continuidade das atividades formativas contemplou sempre um espaço de inclusão e convivência com as diferenças, de forma que diferentes “tribos” se encontravam para estudar, conversar, dançar, pintar, discutir e articular ações que contemplassem a concretização do desejo de todos adolescentes fundadores da TABA.

Esse movimento juvenil no município foi se ampliando e gerou outro movimento pioneiro, de articulação nacional, quando três mil adolescentes de todo o Brasil se encontraram e passaram um dia de prazer em um parque de Campinas. Nasceram daí os primeiros encontros de adolescentes que originaram o MAB⁵³. O MAB conta hoje com mais de 50 ONGs em todo o Brasil que se articulam e promovem intercâmbio on-line e encontros presenciais, construindo ações nas áreas da Educação, Saúde, Sexualidade; Meio Ambiente; Direitos e Valores Humanos e Violência; Prevenção ao uso Indevido de Drogas; Formulação de Políticas Públicas. A TABA foi sede do MAB de 1998, ano de sua criação, até 2.000.

Os projetos relacionados à participação social juvenil, direitos humanos, direitos sexuais e mobilização social realizados pela TABA já beneficiaram/atenderam mais de 25 mil pessoas (adolescentes, jovens, educadores/as e profissionais). Dessa forma, a TABA, busca desenvolver ações inovadoras. Vale ressaltar que Campinas foi uma das primeiras cidades no Brasil a responder, já no início da epidemia da Aids, com um trabalho efetivo nas escolas, realizado, na época, pela TABA com a parceria do Centro Corsini, instituição também referência na prevenção contra as DSTs/AIDS no Brasil.

Atualmente, a TABA desenvolve projetos com adolescentes e jovens (incluindo suas famílias) que estão vivendo sua sexualidade como um fator de vulnerabilidade, com adolescentes vítimas da exploração

⁵² Este texto foi formulado pela equipe de coordenação da TABA e é enviado com os documentos para captação de recursos e propostas de novas parcerias.

⁵³ Rede de adolescentes, jovens e educadores, de diversas áreas profissionais, comprometidos com a cidadania através de projetos, programas ou ações locais, regionais e /ou nacionais: www.redemab.org.br.

sexual comercial e com adolescentes autores de violência sexual envolvendo crianças e/ou adolescentes da mesma idade⁵⁴.

Síntese das ações relevantes desenvolvidas pela instituição no período de 2006 a 2008

- 2006 - a convite da Comissão do CMDCA de Enfrentamento da ESCCA, a TABA amplia suas ações e passa a compor o Sistema de Garantia de Direitos, executando o Programa ESCCA a partir da implementação do projeto **COM_VIVER**, co-financiado pela Prefeitura de Campinas. O principal objetivo do Projeto é garantir atendimento a adolescentes e jovens em situações de vulnerabilidade ou envolvidos diretamente em ESCCA, possibilitando-lhes um novo papel social por meio da participação juvenil e tendo, como base, o conhecimento e o exercício de seus direitos humanos e sexuais a partir de uma cultura de paz.
- 2006 - somente com recursos humanos voluntários, atendimento, por meio do projeto **REVIR@VOLTA**, de sete (7) adolescentes (e suas famílias) na faixa etária de 12 a 18 anos, identificados pela rede de atendimento como autores de violência sexual contra crianças de menor idade ou entre seus pares).
- 2007 - A iniciativa da TABA na área de trabalho com ações educativas em saúde e mobilização social foi reconhecida internacionalmente em 2008 e recebeu da Fundação Merck Sharp & Dohme, o Prêmio Neighbors of Choice (NOC Grants) por desenvolver o Projeto SAÚDE NA COMUNIDADE, junto à comunidade rural de Joaquim Egidio e Sousas.
- 2007 – Formação do Grupo de mulheres jovens e adultas com histórico de violência sexual familiar. O Projeto **“MARIAS CHEIAS DE GRAÇA”** tem como principal objetivo garantir o atendimento das mulheres nas oficinas de costura e ampliar as ações para a implementação de um centro de capacitação e geração de renda.
- 2007/2009 – Implantação do Programa **JOVEM.COM** em Parceria com o Programa Municipal de Cidadania e Inclusão Digital. Oferece oficinas socioculturais e de reflexão para 110 jovens de 14 a 24 anos, encaminhados pela Rede Intersetorial de Assistência Social.
- 2008 – Em consonância com as ações do dia 18 de maio – Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes –, a TABA realiza uma campanha de sensibilização e mobilização social contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes a partir do seguinte tema: **“REPROVE A VIOLÊNCIA SEXUAL”**. É uma campanha que envolve o governo municipal, o setor empresarial e 42 escolas da rede pública municipal de Campinas, com alunos de 12 a 18 anos e professores.
- 2008 - Implementação do projeto de prevenção às DSTs/AIDS na Fundação Casa: **“ADOLESCENTES: DIFERENTES, PORÉM IGUAIS NA PREVENÇÃO”**, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e a Coordenação Nacional e Estadual de DSTs/AIDS, em quatro unidades da Fundação Casa para atender, em dois anos, a 290 adolescentes e 50 funcionários da Fundação através de oficinas culturais. Isso garantia a inclusão de até 20% de profissionais do SGD – saúde e educação, priorizando, assim, as diretrizes do SINASE, as quais serão capacitadas nos temas relacionados à adolescência e sexualidade.

- 2008 – Instituição da sede do **Bloco Carnavalesco “EURECA”**, com apoio da Secretaria Municipal de Saúde e da Coordenação Nacional e Estadual de DSTs/AIDS e demais parceiros que compõem a rede de atendimento a crianças e adolescentes do município. A organização do bloco carnavalesco é realizada na cidade de Campinas, no período de dezembro 2008 a fevereiro 2009, simultaneamente aos municípios de São Bernardo do Campo, Guarulhos e Baixada Santista. O projeto está engajado a temas relacionados à garantia dos direitos sexuais e humanos de crianças e adolescentes e tem como principal objetivo diminuir as vulnerabilidades às DSTs/Aids e promover a divulgação do Estatuto da Criança e Adolescente. O desfile do bloco ocorreu no dia 13 de fevereiro.
- 2008 – Instituição sede da **Conferência Lúdica Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente**, sendo responsável pela gestão dos recursos financeiros aprovados pelo CMDCA e pela articulação em parceria com Fórum DCA e outras instituições para a execução das atividades.

Em dois anos, com a colaboração direta de adolescentes e jovens atendidos⁵⁵ no projeto COM_VIVER e REVIR@VOLTA foram desenvolvidas as seguintes ações priorizando a participação juvenil:

- Realização do I Seminário de Políticas Públicas de ESCCA. Instituição Sede da Região Leste na Conferência Municipal dos Direitos de Crianças e Adolescentes que contou com a participação de 15 adolescentes da TABA.
- Participação no 15º Bloco do EURECA em São Bernardo do Campo – 20 adolescentes (inclusive, de outros projetos).
- Inclusão de três adolescentes em cursos de capacitação e seminários em outras localidades (BH, Brasília, Mococa, Espírito Santo).
- Participação de doze adolescentes nas reuniões com os técnicos da rede de atendimento para construir seu Projeto de Vida - Terapêutico (antes, construído somente pelos profissionais).
- Participação de voluntariado juvenil (de quatro adolescentes.) na instituição uma vez por semana.
- Inclusão de seis adolescentes no Programa Municipal “JOVEM.COM”, programa de capacitação de geração de renda (bolsa auxílio).

Os projetos são desenvolvidos em concordância com os princípios e diretrizes estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pela Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/MEC), pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (Ministério da Saúde), pelo Plano Nacional e Municipal de Enfrentamento da ESCCA, pelo Sistema Nacional de Atendimento às Medidas Socioeducativas- SINASE e pelo Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH II).

A TABA conta com uma equipe mínima para o apoio administrativo (duas pessoas), um grupo de profissionais especializados (cinco pessoas) e estagiários (três pessoas) e, ainda, um grupo de voluntários no apoio às diversas atividades. Conforme disposição estatutária, a Organização é administrada por: Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária; Diretoria; Conselho Fiscal e Conselho Consultivo.

As principais fontes de recursos financeiros da TABA são de parcerias com o poder público e empresas privadas, além de recursos humanos, por meio do trabalho de voluntários/as. A instituição ocupa hoje um local concedido, desde 2003, através de uma parceria com a Associação Pierre Bonhome.

PARCEIROS ATUAIS da TABA:

- Associação Pierre Bonhome – cessão de espaço físico, desde 2002.
- Prefeitura Municipal de Campinas: cofinanciamento e coparticipação no projeto de inclusão digital e cidadania, desde 2006.
- CDI – Comitê de Democratização de Informática; coparticipação no projeto de inclusão digital e cidadania, desde 2004.
- Banco do Brasil – Programa Fome Zero – doação de equipamentos no projeto de inclusão digital e cidadania, desde 2004.
- Data Gate Informática – parceria com recursos materiais e manutenção dos computadores, desde 2004.
- FACAMP– desenvolvimento de material de marketing e comunicação institucional, desde 2006.
- FedEx – apoio ao Projeto COM_VIVER, desde 2006.
- Pessoas voluntárias – envolvimento em ações pontuais e contínuas.

- CPFL – FMDCA – recursos via FIA, para o projeto REPROVE A VIOLÊNCIA SEXUAL.
- PETROBRAS - Concurso Cultural nas escolas, intitulado “Pelo Fim da Violência Sexual”.

Para o desenvolvimento do projeto REVIR@VOLTA, a TABA conta com a parceria do Fórum DCA, da Vara da Infância e Juventude; do Conselho Tutelar; do Vereador Paulo Búfalo (presidente da Comissão Permanente da Câmara Municipal de Campinas de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e participante do Movimento Pacto São Paulo); da Defensoria Pública do Município (Dr. Francisco Carlos Matarezio); do Crami (Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância); e do grupo de Pesquisa Violar/UNICAMP-FE.

ANEXO D:

MEMORIAL

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”
(Fernando Pessoa)*

Meu nome é Adriana Dezotti Fernandes. Nasci em Araras (SP), em 29 de outubro de 1963. Venho de várias vertentes familiares: a primeira, muito forte, acompanhando traços físicos de DNA específicos e identificáveis pelos anciões de minha aldeia: família Zurita Fernandes, avó Candelária, viúva, religiosa, espanhola, ibérica, tradicional, hospitaleira, sábia, acolhedora, assistencialista ao extremo, organizada, controlada, má consciência, culpa, *Aparelho de Estado*, casada com Vô Elíseo, comerciante, intelectual. Do outro lado, Rocha e Dezotti, Bisavô Rocha, jornalista, poeta, intelectual, paulistano, tradicional, com dificuldades financeiras, vivendo à sombra dos aristocratas; e a bisavó, Maria Angelina, filha de Rufina Isabel, mistura de português com índia, nômade, linha de fuga, tocando violão, cesto de passar roupa transbordando peças a passar, *Máquina de Guerra*, fazendo cremes para rugas e espinhas, papelotes para os cabelos, vaidade, cuidado de si. Pais da vó Santa, Maria Aparecida, artista vaidosa, egocêntrica, carinhosa, cozinheira de mão cheia, especialista em semear culpas, casada com vô Ulisses Dezotti, bronco, filho de imigrantes italianos, marceneiros, *metalúrgico híbrido*, tecelão, pescador, convivência direta com os pobres numa relação que oscilava entre ridicularização e igualdade.

Tenho três irmãos mais novos e um filho. Passei a infância envolvida entre brincadeiras de meninos e de meninas, subindo em árvores, vestindo e alimentando bonecas, frequentando missas e aulas de catecismo. Aos sete anos e idade, antecipei a criação de toda a estrutura do *Big Brother*: Imaginava Deus e os Santos monitorando os seres humanos com câmeras para ver se eles não fariam nada errado. Um *panóptico*, não sabíamos quando seríamos vigiados, tínhamos que fazer o bem o tempo todo, pois Deus estava à espreita e poderia estar olhando para aquela tela naquele momento.

Minha mãe sempre foi sorridente, presente. Lembro-me com exatidão, do dia em que, pequena, percebi que ela sorria para disfarçar a vergonha e o embaraço. Foi ali que aprendi a sorrir sempre. Mais tarde, na adolescência, o sorriso se tornou “arma”, chave para que as portas se abrissem. Só não funcionou no período em que vivi na Inglaterra e na França, onde o sorriso estraga as relações, e a simpatia exacerbada não é bem vista. Talvez lá, eles fossem mais verdadeiros, mais transparentes e notassem a angústia que habitava os bastidores de meus músculos faciais...

Ser filha de família tradicional estudando em escola pública da 1º a 8º série (por opção, pois através de febres e mal-estares expressei minha recusa em cursar o “Primário” na escola particular que meus pais tinham me colocado) me fez ser, em alguns momentos, vítima de uma espécie de “bullying”, sendo chamada de riquinha e colocada de lado algumas vezes nas brincadeiras com as crianças mais pobres. Mais um detonador para o gatilho da culpa.

A adolescência se deu entre passeios de bicicleta, turma de amigas e amigos, discotecas dos anos 80 e trabalhos benevolentes ligados à Igreja e ao colégio salesiano, onde finalmente fui cursar o então “Colegial”, ministrando, inclusive, cursos de formação religiosa para jovens nos “retiros espirituais” de Vinhedo e Itaiçi.

Aluna aplicada que era, passei em 17º lugar no vestibular da PUCCAMP em 1982 e graduei-me em Psicologia no ano de 1987, sem “dps” ou “exames finais”. Foi lá que comecei a questionar os dogmas religiosos, sem romper, portanto, o elo com o compromisso social e a preocupação em fazer minha parte para que este mundo seja mais leve e justo. Marcaram-me as aulas de antropologia cultural e filosófica com o professor Régis de Moraes e as aulas de psicologia social e clínica.

O eixo educação-adolescente-trabalho social sempre permeou minha atuação como psicóloga. No início da faculdade, a comunidade religiosa da qual eu participava iniciava um elo estreito com a Teologia da Libertação e o MST, mas eu já vivia em Campinas, e o curso de psicologia me levava para longe da religião. Sendo assim, transferi o assistencialismo religioso para estágios não-remunerados na faculdade.

Fiz estágio na então FEBEM-Mogi-Mirim, num orfanato espírita de Campinas, hospitais psiquiátricos e instituições para deficientes mentais e autistas. Sempre preocupada em sorrir, em “amar e ser amada” como diziam as canções nas missas de domingo de minha infância. Mesmo

na sala de aula, eu transitava qual *ferreira/híbrida/metalúrgica/Dezotti* entre turmas antagônicas entre si, eu – a amiga de todos.

Já formada, minha atuação em psicologia clínica, sempre foi na cidade de Araras, atendendo pagantes e não-pagantes em meu consultório particular. Paralelamente à clínica, fui contratada pela APAE de Araras, onde fiquei por quatro anos na unidade rural Sítio Arco-Íris, realizando grupos terapêuticos e oficinas de teatro, canto e dança com deficientes mentais adolescentes e adultos; dando apoio às famílias, em sua maioria, da periferia da cidade. Em pouco tempo, lá estava eu e meu Fiat 147 passando os finais de semana nos bairros populares para fazer atendimento aos pais que se recusavam a vir até a instituição, seja por vergonha ou por medo de ser repreendido pelos profissionais. Ao final de um período de seis meses, já tinha visitado os lares dos 45 educandos que, orgulhosos, me chamavam para almoços, jantares e pasteizinhos de final de tarde.

Atendi famílias carentes nos porões da Igreja do Bom Jesus da Pirapora em minha cidade e, no consultório, reservava uma parcela de meus horários para atendimentos individuais na área social (sempre sem remuneração). Em muitos momentos, chegava a encaminhar os pagantes para colegas recém-formadas e ficava com os não-pagantes.

Em 1991, me instigavam as questões antropológicas e culturais. Tinha muita vontade de descobrir o que era brasileiro e o que era estrangeiro, o que era psicológico e o que era cultural na mente de meus pacientes. Sendo assim, programei o término do consultório para os próximos três meses, vendi meu carro e fui para a Europa fazer um curso de inglês na Inglaterra.

Fiquei nove meses em Londres como recepcionista de hotel, onde, após um tempo, fui repreendida pelos proprietários porque a recepção se tornara um consultório para os jovens amigos imigrantes, legais, ilegais e seus problemas.

Em Paris, escura cidade das luzes, fui babá de um menino solitário de três anos de idade e, após alguns meses, os amiguinhos da escola já freqüentavam sua casa. No final de um ano, foi feita uma festa com todas as famílias das crianças para minha despedida. No período em que ele estava na escola, eu cuidava também de uma menina de um ano e meio, doce bálsamo nos dias cinzas de inverno. Nos dias vagos, fazia algumas faxinas. Casei-me com um belga francês e continuei morando em Paris. Na época, trabalhei na organização do Festival Parisiense de Filmes de Meio Ambiente de 1994.

Em 1995, retornamos ao Brasil e retomei minhas atividades como psicóloga. Além dos “pagantes”, atendi voluntariamente meninas de rua acolhidas pelo Abrigo das Irmãs Canossianas e crianças da rede pública de ensino com problemas de atenção e comportamento. Era uma época em que ainda não havia faculdade de Psicologia em Araras e a Prefeitura não dava conta das demandas.

Coordenei também, voluntariamente, grupos de apoio a toxicômanos e alcoólatras e iniciei o Grupo Violetas na Janela, destinado ao apoio de mães que perderam filhos por acidente, doença ou assassinato. O trabalho com esse grupo permaneceu por sete anos em meu consultório, funcionando, até hoje, em outro local, mas sem minha colaboração.

Trabalhei em colégios particulares como orientadora vocacional e professora de psicologia no Ensino Médio (de algum local tinha que sair o salário!). Realizei um trabalho bastante envolvente de Psicologia Esportiva com os atletas profissionais do clube esportivo União São João de Araras durante o Campeonato Paulista de Futebol de 1996, atendendo também esposas e familiares. Apreendi muito com essa população que tinha sido carente, mas que estava começando a “se dar bem” em termos financeiros.

Participei, juntamente a um colega médico homeopata, de um projeto de psicoterapia breve no formato de grupos de meditação para presidiários da Cadeia Pública de Araras.

Fui, durante 10 anos, colaboradora voluntária da AHEDA (Associação de Apoio ao Homem de Amanhã – antiga Guarda-Mirim) ministrando palestras sobre adolescência, sexualidade e drogas nos cursos de formação de jovens profissionais.

Em 1998, nasceu meu filho Yannick e, seis meses depois, foi diagnosticada uma doença terminal em meu pai. Empresário, escritor, conselheiro, mentor. Enlouqueço. Divorcio-me. Mas continuo sorrindo e vou levando o consultório até sua morte em 2002. Culpando o sistema capitalista que teria “matado meu pai”, compro um Sítio em São Thomé das Letras, acalentando o sonho de fundar uma sociedade alternativa, uma comunidade, uma eco-vila, renunciando à “Sociedade de Consumo”, sem perceber que, mais do que nunca, estava capturada por ela, com minhas roupas hippies de boutique.

Após o final de meu casamento, intensificaram-se minhas atividades de escritora. Publiquei com “paitrocínio”, em 1999, o conto infantil *A noite em que o sono sumiu*; e, em 2003, *Contos da Fada*, coletânea de histórias contadas por mim ao longo de seis meses, semanalmente, no *Sebo Dr. Anselmo*, em Araras e, posteriormente, em várias escolas da rede pública e

particular. Em 2004, lancei *Uma Nova Mulher/Tocata e Fuga* um livro duplo publicado em parceria com F. Mendes patrocinado por familiares e amigos.

Em 2007, participei da elaboração de um livro de fotos e poemas, intitulado “*Araras, cidade das árvores*”, quando, em parceria com Maria Cecília Álvares Leite e Victor Leonardi, fizemos textos em prosa e poesia a partir das fotos de César Saullo.

Em 2003, após o encerramento de minhas atividades como psicóloga e o término de um intenso relacionamento hippie/caipira sediado no sítio mineiro, rendo-me ao capitalismo e vou trabalhar num empreendimento familiar, o Hotel Casarão. Cuidaria da lavanderia terceirizada e das camareiras, embora o que me encantou de fato foi a cozinha, o preparo do café da manhã, das tortas e das sopas no jantar. Permaneci três anos nessa atividade, com muita dificuldade para gerenciar os funcionários e seu múltiplos desentendimentos. Era criticada por eles (elas, na verdade) por não ter postura e nem roupas de patroa. Ganhei uma gastrite por excesso de envolvimento em suas questões pessoais e uma lesão por esforço repetitivo de tanto cortar legumes e mexer panelas. Percebendo que não me adaptava ao mundo capitalista, retomei meu caminho e fui até a Unicamp para me inscrever como ouvinte em alguma disciplina.

Por acaso, encontrei uma amiga de infância que, por meandros e caminhos interligados, me convidou para uma reunião do Grupo Violar. A leitura obrigatória para aquela primeira reunião do ano de 2006 era o Tratado de Nomadologia, volume V da obra “*Mil Platôs*”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Entreguei-me à leitura entre os pratos de canjas das madrugadas de carnaval no hotel e foi preciso que eu lesse três vezes o texto para que eu começasse a entender do que se tratava. No início, não entendia nada daquela esquizo-escrita e fui lendo sem ler, correndo os olhos pelas páginas, como quando lemos algo em uma língua que não dominamos ainda. Na segunda leitura, fui grifando idéias e sentindo que algo muito bom estava escondido ali. Na terceira, já estava perdidamente apaixonada pela dupla, realizando, virtualmente, meu sonho secreto de viver com dois homens ao mesmo tempo, Gilles et Félix.

Em julho de 2006, fui admitida no curso de mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp.

Das quatro disciplinas obrigatórias para o curso de mestrado, fiz sete e mais um Curso de Férias sobre Deleuze que me valeu mais créditos equivalentes a uma oitava. Foram duas disciplinas com Silvio Gallo, quem foi abrindo ainda mais as portas para o mundo de Deleuze, Guattari e Rolnik, através de textos, filmes e a leitura minuciosa de “*O que é a filosofia?*”. Duas

disciplinas com Milton de Almeida e o pessoal do Grupo de Pesquisa Olho, o cinema europeu, a arte italiana, o texto como imagem e as imagens como texto. A encantadora Carol Galzerano, através da história, me reconectou com meu passado e com a memória de meus “antepassados” e, ao mesmo tempo, me ensinou a produzir textos temporais, conectados com a época em que se davam. A disciplina “*Comunidades Juvenis*”, com Áurea Guimarães e Dirce Zan, trouxe leituras e discussões riquíssimas que conduziram meu olhar sobre a realidade da juventude brasileira. Fiz ainda uma disciplina sobre a Teoria da Representação, a Física Quântica e o Cinema de Ficção Científica com Ernesto Boccara, no Instituto de Artes da Unicamp, onde pude compreender melhor os meandros da tão falada “representação” do mundo, das coisas, das idéias, dos sentimentos. Antes de ser admitida no mestrado, frequentei, como ouvinte, a disciplina “*Currículo Imaginário e formação de professores*”, ministrada por Áurea Guimarães e Maria Inês Petrucci Rosa. No segundo semestre de 2008, quando realmente escrevi a dissertação de mestrado, também participei de algumas aulas do curso “*O que é a Filosofia?*”, com o professor Luiz Orlandi, no Instituto de Filosofia da Unicamp. A palestra sobre Foucault que o Prof. Dr. Márcio Mariguela proferiu na FE- Unicamp, a convite do Grupo Violar e a palestra sobre Espinosa e Nietzsche proferida por André Martins, assim como a de Sueli Rolnik e Luiz Orlandi, todas no Espaço CPFL tiveram também uma forte influência nos rumos de minhas leituras e de meu trabalho acadêmico.

Atualmente, sou pesquisadora do Grupo Violar, participei de vários congressos, entre eles, o JUBRA, onde conheci Marisa Feffermann, que se tornou amiga e muito me ajudou nas confusas questões que povoavam minha mente acadêmica. Tenho proferido várias palestras em faculdades particulares e universidades estaduais do Estado de São Paulo sobre o tema da *Sociedade de Controle*, da *Violência Escolar*, e do *Abuso Sexual na Infância*, além das tradicionais palestras nas escolas particulares, estaduais e municipais de Araras sobre como escrever livros e contar histórias.

Atualmente, ocupo o cargo de vice-presidente da TABA (Espaço de Vivência e Convivência de Adolescentes), ONG situada na cidade de Campinas, que atende adolescentes em situação de risco social. Como psicóloga voluntária no *Projeto Ser Criança* do Comercial Futebol Clube de Araras, realizo um trabalho de formação de educadores e monitores em atividades esportivas e artísticas para crianças e pré-adolescentes carentes. Bimestralmente, recebo em

minha casa/chácara os Pucarenos: 50 pessoas de 0 a 70 anos, membros de quatro grandes famílias da periferia da cidade, para brincar, estar junto, nadar na piscina e comer o almoço que preparo.

O percurso do curso de mestrado provocou profundas transformações em meu ser, novas formas de subjetividade brotaram. Através das leituras acadêmicas, pude entender a necessidade de sairmos da “*má consciência*” e da “*vaidade na benevolência*” apontadas por Nietzsche ... para chegar ao “*cuidado do outro*” como extensão de um “*cuidado de si*”, conforme entende Michel Foucault. Da avó espanhola Candelária, caminho em direção à bisavó cabocla Maria Angelina. Como se eu partisse da atitude do pai Fernando espanhol, orgulhoso e nobre, se sacrificando por nós, tenso e preocupado e chegasse agora no patamar de minha mãe Sônia, que sempre cuidou muito bem de todo mundo, mas nunca deixou de lado os cremes, a ginástica, as roupas bonitas, as refeições, a boa noite de sono, o bom humor, a leveza...

Sou uma espanhola árabe
Uma cabocla portuguesa
Uma mulata italiana
Uma indígena francesa
Uma peruana belga

Sou a mistura de tudo
O nada absoluto
A combinação perfeita
Para que “eu fosse eu”...
(Drizotti, 2005)

A dissertação

Alain Badiou (in ALLIEZ, 2000, p.159) esclarece que a filosofia não-cartesiana ou o método anticartesiano de Deleuze é justamente esse modo que o filósofo tem de “*tomar as coisas pelo meio*”, num sentido de percurso que não é fixado pela ordem ou sucessão. E foi justamente esse o movimento que o “*fazer-se*” desta dissertação percorreu.

Em determinado momento, me desesperei, me sentindo “emperrada”, “stucked”, impotente e foi numa noite de ventos, cigarras e grilos que me deparei com a realidade inegável de que a dissertação já estava virtualmente pronta, as respostas das entrevistas tinham dado o tom, e a sinfonia de idéias e conceitos já iniciava seus primeiros acordes nas reentrâncias de minha mente inquieta.

Percebi que tudo o que eu precisava fazer era confiar e me deixar atravessar pelos fluxos de idéias, de conceitos, de sensações, de pensamentos, tornar-me mônada na engrenagem do mundo, re-fazer-me, re-inventar-me a cada linha, assim como, com desespero e coragem, fui assistindo à deterioração do projeto inicial, do tema, do primeiro capítulo original, do que eu ousava chamar de meu propósito acadêmico, enfim, à deterioração do que eu era ao entrar na Unicamp.

Os livros, as disciplinas, as palestras e seminários, as falas da orientadora, dos professores, dos colegas finalmente habitavam em mim à medida que eu ia me reconstruindo, fabricando, construindo para minha vida pessoal novas formas de subjetividade, novas maneiras de ser mãe, filha, irmã, amiga, amante, companheira, patroa, consumidora, usuária de serviços, habitante no planeta, novas maneiras de pensar e estar no mundo. À medida que eu ia cartografando tais formas em mim mesma, o texto fluía.

Esta dissertação de mestrado é o ganho que, a partir de múltiplas intensidades escorridas, se densificou até tomar a forma deste texto que, buscando dolorosamente incorporar o molde exigido pela academia, transformou esse processo em devir.

Longe se vai sonhando demais, mas onde se chega assim? Vou descobrir o que me faz sentir: eu, caçador de mim (**Milton Nascimento**).